



**FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO E ARTÍSTICO
DE PERNAMBUCO**



EXAME TÉCNICO

Tombamento dos ambientes de origem e memória de Luiz Gonzaga - Exu PE



APRESENTAÇÃO

“... Na Serra do Araripe, pertinho do Ceará, no finzinho assim de Pernambuco, um lugar onde ainda o verde vinga mesmo com a seca braba...”¹. Era como Gonzaguinha via Exu, o lugar de onde veio o seu pai, o Rei do Baião.

A equipe de execução deste exame técnico de instrumentação da proposta de tombamento dos ambientes de origem e memória de Luiz Gonzaga em Exu pretendeu também identificar significados dessa cidade que se ligassem à vida do artista. Foi percorrido o roteiro da sua origem, através dos locais onde seus pais moraram em propriedades da família Alencar, feita visita ao local da fazenda que lhe pertenceu e onde construiu o Parque Aza Branca, ouvidos diversos depoimentos de pessoas com quem conviveu, visto e fotografado o ambiente natural do lugar, além da coleta de dados relacionados à origem da cidade e a vida do artista feita através de pesquisa histórica.

Constatou-se que o povo exuense sabe reconhecer e valorizar o seu patrimônio e história, incluindo o acervo da vida de Luiz Gonzaga na cidade. Os locais da origem da vida do pernambucano do século, ligados às propriedades da família Alencar fazem parte também da história dessa família que zela pela manutenção de todo patrimônio. O Parque Aza Branca ali em Exu, com seu projeto de manutenção viva da música nordestina, carrega cenário que retrata conteúdos da vida do artista no lugar. A localização da cidade no pé da serra do Araripe apresenta marcando o seu horizonte o perfil da chapada e o verde das terras brejeiras que são conhecidos pelas músicas desse autor.

Na medida em que o trabalho se desenvolveu, percebeu-se a necessidade de simplificação da proposta de indicação dos bens a serem protegidos, conforme o Edital publicado e a proposta conclusiva a ser apresentada.

¹ Luiz Gonzaga: A luz dos Sertões. Direção e roteiro: Rose Maria. DVD

1. Localização do Exu

O município do Exu está localizado no Noroeste pernambucano, precisamente no Sertão do Araripe, distando 617,6 km² da capital Recife, estendendo-se por uma área de 1.493,91 km², representando 1,27% do Estado. Suas rodovias de acesso são a BR-122, BR – 316 e BR – 232. Tem por limites, ao norte o Estado do Ceará; ao sul: Granito; leste: Moreilândia e a oeste Bodocó.

O território municipal é drenado pela bacia do rio Brígida. Predomina o clima semi-árido, com uma temperatura média anual de 24°. A sede do município se localiza a 523 m de altitude na latitude (S) 7° 30' 45" e longitude (W. Gr) 39° 43' 15. Suas principais atividades econômicas são a pecuária e a agricultura. Segundo o Censo de 2003 do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -, a população de Exu é de 32.423 habitantes, distribuída em 11.519hab na área urbana e 20.904hab na área rural.

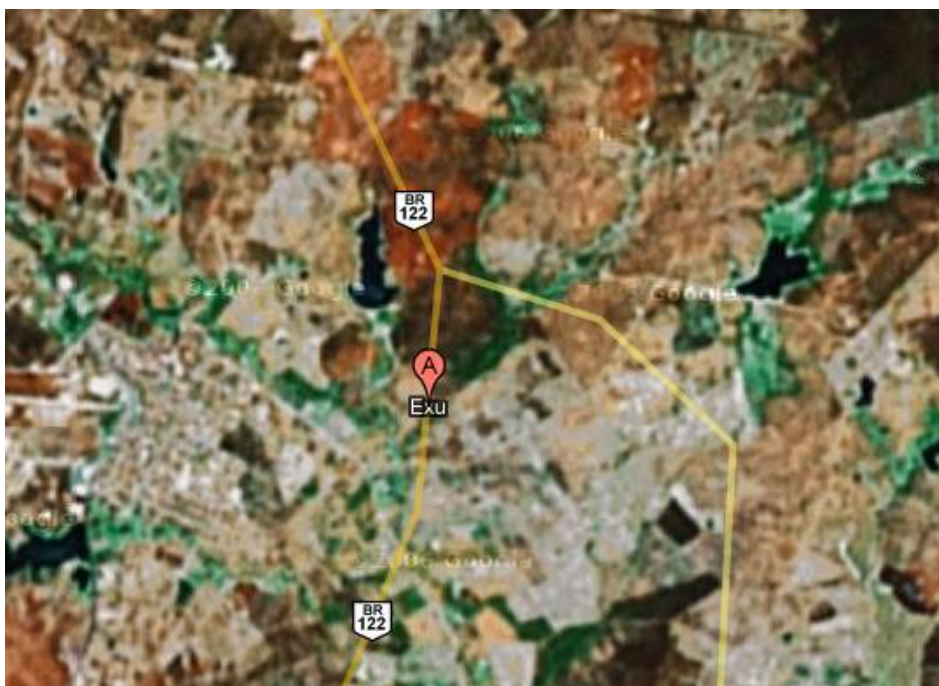


Figura 1: Imagem de satélite - município de Exu
Fonte: googlemaps.com

² Disponível em: <<http://www.der.pe.gov.br/>> acesso em 27.07.2009



2. HISTÓRICO

2.1. Origens

Para contarmos a história de vida de Luiz Gonzaga é necessário retroceder no tempo até chegarmos ao século XVII, pois que, sua vida está ligada umbilicalmente à família Alencar e a fundação da cidade de Exu, “*eram, os Alencar, degredados portugueses que, na primeira metade do século XVII, vieram povoar desde a Bahia ao Maranhão*”.³

Imbuídos quem sabe de espírito aventureiro, os Alencar, desbravaram o Sertão do Araripe e lá se estabeleceram, criando as raízes do município do Exu. No site oficial da família, conseguimos descobrir com profundidade sua procedência e chegada ao Brasil:

A época girava em torno da 8ª Década do Século XVII, o Brasil, então colônia do Reino Português encontrava-se em plena fase de colonização. A colônia, estava dividida em Capitânicas Hereditárias, "e os colonos, verdadeiros donos de nossa ainda selvática pátria, vibravam com repiques trágicos os sinos da conquista". Garcia D'Ávila, destacava-se entre estes como um dos maiores donatários de terras da época. "Fundador de uma Casa Feudal, teria a sua descendência ligada para sempre ao nosso destino. Sua casa, denominada "Casa da Torre" localizava-se (até hoje ainda existe as ruínas) na enseada de Tatuapara, ao norte de Salvador. Dali, partira para o desconhecido um sem número de intrépidos homens, cujos nomes se conservarão para sempre inapagáveis na nossa história, entre eles, conta-se Leonel de Alenquer Rego".

Mais ou menos nessa época, emigrados de Portugal, talvez por motivos políticos, ou outros de ordem pessoal, aportaram à cidade de Salvador, na então Capitania da Bahia de Todos os Santos, Leonel de Alenquer Rego, e seus irmãos Alexandre, João Francisco e Marta. Alguns historiadores afirmam que inicialmente aqui chegaram os irmãos homens entre 1650 e 1680 e que, posteriormente, já estabelecidos voltou Leonel à Portugal, para trazer sua irmã Marta, que aqui chegou já casada com Valério Coelho Rodrigues. Os quatro

³ LEITE, Ronildo Maia. Exu: 200 anos de guerra. Jaboatão dos Guararapes – PE. Criações Ed. & Arte, 1997. 122 p. il.



*irmãos seriam filhos naturais de Martinho Francisco do Rego e Dorotéa de Alenquer, naturais da Freguesia de São Martinho de Arrueira, Arcebispado de Braga. Recentes descobertas nos revelaram que além destes quatro irmãos existiam outros que ficaram em Portugal”.*⁴

Já fixados em terras brasileiras, os Alencar, trataram de demarcar seus domínios construindo para isso as primeiras fazendas de Exu. A fazenda da Caiçara, a mais antiga da região do Araripe, datando da primeira metade do século XVIII, e possuindo um simbolismo histórico muito marcante, pois lá estava lançada a pedra fundamental da cidade, servindo ainda como berço do Barão do Exu, Gualter Martiniano de Alencar Araripe e da revolucionária republicana Bárbara de Alencar.

Como destaca Dominique Dreyfuss,

*Exu é terra dos Alencar, antepassados – entre outros tantos – do romancista José de Alencar e de sua heróica avó, a revolucionária Bárbara do Crato, e do político Miguel Arraes de Alencar. Desembarcando de Portugal, Leonel de Alencar chegou na região em 1709. Confraternizando com a tribo dos índios que viviam lá, os Açus, cuja corruptela do nome daria Axu e logo Exu, o jovem Leonel Alencar, acompanhado de três irmãos, fundou a fazenda Várzea Grande. Os Alencar casaram, se multiplicaram e foram ocupando o espaço. Assim foram nascendo, entre muitas outras, as fazendas da Caiçara, de Bodocó, de Salgueiros, de Gameleira, situada no pé da serra do Araripe. Nesta última, foi fundado o povoado de Exu, que hoje é chamado de Exu Velho, para diferencia-lo do Novo Exu situado a alguns quilômetros apenas do antigo, e que surgiu no início do século, às margens do rio Brígida “.*⁵

⁴ www.barbaradealencar.org.br

⁵ DREYFUS, Dominique. Vida do viajante: a saga de Luiz Gonzaga; prefácio de Gilberto Gil. São Paulo: Ed. 34, 1996. 352 p. (Coleção Ouvido Musical). p. 27.

2.2. Cronologia Histórica do Exu

Ao contrário de outras regiões de Pernambuco, onde predominava o ciclo do açúcar, Exu desenvolveu-se de forma autônoma e com grande grau de isolamento em relação ao centro açucareiro da Capitania de Pernambuco, “Exu era a área mais remota, praticamente a população era mais voltada para o Oeste, no Ceará. Não havia nenhum laço econômico entre Exu e Recife, todo comércio era voltado para o Crato-CE⁶”.

É interessante notar que, devido a este isolamento resultante do estilo feudal de povoamento executado na área, os moradores do Exu ainda carregam consigo certa desconfiança com pessoas de fora da região, no entanto, após devidas apresentações comportam-se como anfitriões generosos e bastante solícitos.



Figura 2: Mapa de Pernambuco - Exu destacado em vermelho

Fonte: www.condepefidem.pe.gov.br/programas/governo_municipios/mapas/producao/sorgozoneamento.pdf

⁶ Informações retiradas do site: www.reidobaiao.com.br



Segue abaixo histórico do município,

A povoação do Exu iniciou-se mais precisamente em 1734, segundo consta nos livros diocesanos, quando foi criado por Frei José Fialho o “Curado Amovível”, sobre a invocação do Senhor Bom Jesus dos Aflitos, o qual foi elevado à condição de “Freguesia de natureza colativa” no dia 14 de outubro de 1779, pelo Bispo de Olinda D. Tomás da Encarnação Costa Lima.*

Tornou-se freguesia efetiva somente a partir de 03 de dezembro de 1810, através do alvará de homologação assinado pelo príncipe Regente D. Pedro de Orleans e Bragança.

O município propriamente dito foi instalado em 30 de março de 1846 pela lei provincial de N. ° 150. Sujeito a diversas alterações administrativas, Exu teve sempre a categoria de Vila, bem como a transferência de sua sede para municípios vizinhos. (...)

O Município foi reconhecido em 07 de junho de 1885, como Comarca.

Em virtude da Lei Orgânica dos Municípios de n.° 52, de 03 de agosto de 1892, constituiu-se autônomo em 09 de julho de 1893, sendo nomeado seu primeiro administrador (prefeito) o Sr. Manuel da Silva Dias Parente e sub-prefeito Henrique Dias Parente. (...). Depois vem a Lei Provincial de n.° 608 de 03 de Abril de 1895 que suprimiu novamente o Município.

A antiga sede do município localizava-se no Brejo do Exu próximo às fontes hidrominerais da Fazenda Gameleira, no sopé da serra do Araripe. Contudo, o centro comercial desenvolveu-se durante o século XIX no povoado da Pamonha, localizado no “canion” que se abre para o atual distrito de Timorante.

Foi então que o Padre João Batista de Holanda Cavalcante, vindo da Paraíba com a missão de catequizar e trabalhar dentro dos nobres princípios religiosos, foi iniciador da construção da Igreja Matriz, um braço forte na edificação de uma nova cidade, pois o Exu Velho por se situar no Sopé da Serra do Araripe estava sujeito a erosão, pois a



água que descia da serra provocava desmoronamento, por se situar no Sopé da Serra do Araripe.

O desmoronamento não foi o essencial, houve alguns casos de deslizamento de terra que incentivou, mais o problema foi comercial. O que fez a necessidade de edificação de uma nova cidade foi dicotomia entre a cidade oficial (sede na Gameleira) e a feira setor econômico que ficava na Pamonha.

O Padre junto com os senhores Antonio Tavares, Luís Alexandre, Aprígio Lopes, Coronel João Carlos de Alencar, Joaquim Pereira, Leonel de Alencar Rego, Eufrásio Alencar, José Arnaldo de Castro, Antônio Dias Parente, Luís Ulisses de Oliveira e Silva, Aristides Neuton Saldanha, lançaram em 08 de setembro de 1899 a pedra fundamental da cidade de Novo Exu, onde hoje é a praça Casimiro Ulisses.

Assim iniciou a construção da cidade, no terreno doado por D. Edwrigens ao “Bom Jesus dos Aflitos, uma mulher religiosa engajada na catequese. E erguendo-se e, como era de costume na época, a partir de uma capela que recebeu o nome do mesmo padroeiro do Exu Velho, Bom Jesus dos Aflitos. Em redor edificaram-se casa de comércio e residências para todos os lados.

Somente em 1900 é que foi endossada a área, os interesses econômicos unificaram-se com os da cidadania, num lugar central, de fácil acesso, eleito pelas lideranças locais. Tratava-se do sítio Lagoa dos Cavalos assim denominada, porque o terreno, no inverno, acumulava água e, os cavalos soltos no campo vinham beber. No mesmo ano deu-se o lançamento da pedra fundamental do povo, ação que originou a atual sede do município, mas a restauração definitiva da administração pública para a cidade, ocorreu somente em 08 de setembro de 1907, data de aniversário da cidade.

Na tentativa de conseguir a autonomia do Município, foi restaurada pela Lei n.º 844 de 10 de Junho de 1907, com sede na povoação do Novo Exu, e com essa mesma denominação desmembra-se do município de Granito. E em 07 de julho de 1907, Novo Exu



reconquista sua autonomia e torna-se Comarca independente, tendo como administrador o próprio Padre João Batista de Holanda Cavalcante, que por alguns anos continuou trabalhando na Paróquia de Exu.

A sede municipal foi elevada à categoria de cidade, em virtude da Lei Estadual n. ° 991 de 1° de Julho de 1909⁷.

2.3. O barão do Exu e a promessa

É impossível contar a história de Exu, sem citar a presença de Guálter Martiniano de Alencar Araripe (1828-1889), o barão do Exu, figura importante na contextualização da Fazenda Araripe e conseqüentemente na vida de Luiz Gonzaga.

O barão do Exu – Gualter Martiniano de Alencar Araripe – era irmão de Liz Pereira de Alencar, da Caiçara. Dois irmãos totalmente diferentes do modo de pensar e agir. Eram ricos e de ótimos procedimentos. O barão era extremamente religioso, nada fazia ele mudar, era firme em suas convicções. A religião estava acima de tudo até o final de sua vida.

A vida de Luiz Gonzaga já nasceu misturada ao sangue da família Alencar, pois que, sua mãe, D. Santana, era descendente dos mesmos e os caminhos atravessados por Luiz, o guiavam ora para a Fazenda Caiçara, onde nascera, ora para a Fazenda Araripe, onde viveu até os 17 anos.

No entanto, para chegarmos até o nascimento do Rei do Baião é necessário regredirmos um pouco no tempo, pois, ao fazer essa leitura inicial o caro leitor deve estar se perguntando o que tem haver Luiz Gonzaga com o barão do Exu? Pois bem, a partir de agora traçaremos uma lista de elementos sólidos ente a vida de “Lua” e os descendentes do Barão.

Descendente da 3ª geração de Leonel de Alencar, o fundador de Exu Velho e da Várzea Grande ou Fazenda Caiçara, Guálter Martiniano de Alencar Araripe, herdara toda a audácia e esperteza de seu ascendente.

⁷ Informações retiradas do site: www.reidobaiao.com.br

Era um homem muito generoso, religioso por natureza e devoto de São João Batista. Com a chegada da epidemia do cólera que estava dizimando à população de muitas cidades brasileiras e particularmente do Estado do Ceará, no Cariri, vizinho ao Sertão do Araripe,

A cidade do Crato quase ficou desabitada. Ainda hoje, com muito mais de um século, existe um cemitério onde foram sepultados centenas e mais centenas de mortos vítimas do cólera. Nesses dias de pavor, foi que o barão e a baronesa fizeram seu testamento. A essa altura, o barão se acobertou de uma grande e inabalável fé que chegou a fazer, com toda confiança, a promessa seguinte



Figura 3: Guálter Martiniano de Alencar Araripe, barão do Exu (1828-1889)

Fonte: Fundarpe

Fé ou coincidência, o fato é que o cólera não atravessou a Serra do Araripe rumo ao Exu. O barão - título recebido pelo Imperador Pedro II em 15/11/1888 -, cumpriu sua promessa e a Igreja de São João Batista foi construída.



Figura 4: Igreja de São João Batista, construída pelo Barão do Exu, em 1868.
Fonte: Fundarpe

Com a morte do barão em 1889 a baronesa, Alexandrina Alencar, deu continuação aos festejos em homenagem a São João, aliás, sua imagem juntamente com a dos três Reis Magos tinham sido adquiridas na França a pedido do barão. A baronesa morre e a responsabilidade de manter a promessa é rogada aos seus filhos adotivos, Iaiazinha e Felizardo – que morava no Amapá e ao seu afilhado João Carlos. Porém, foram passando as gerações e os festejos começaram a perder força e com isso a promessa ia se desfazendo, até que, após misteriosa aparição de Iaiazinha ao vaqueiro Irineu mudou o fim dessa promessa,

Uma noite, às duas da madrugada, sentado na calçada, fumando, ouviu o sino da Igreja repicar finados (...). Irineu assustou-se: Tenho plena certeza que fechei a porta da Igreja... O sino continuou a tocar. Irineu acordou a família, inclusive a esposa, e, com o candeeiro

aceso na cabeça, para o vento não apagar, foram olhar quem estava fazendo aquilo. Não encontraram ninguém, a porta estava fechada como ele deixou. Mandou todos se deitarem e ficou só na calçada. O sino repicou finados novamente... Irineu não viu laiazinha, mas "sentiu" sua presença, ficando receoso.. Ouvia perfeitamente a sua voz: Irineu, vá à casa dos meus filhos e diga a cada um que o festejo de São João Batista do Araripe não pode continuar abandonado. Do contrário, em pouco tempo desaparecerão todos...⁸

Transmitido o recado, os descendentes do barão tomaram as devidas providências e as homenagens ao Santo, são feitas até hoje, iniciando-se com uma missa no dia 14 de junho, dia do levantamento da bandeira e acabando no dia 24 de junho, dia do Santo. *"São João chegou para cobrar a promessa, que nós já conseguimos pagar", diz Amparo Aires de Alencar, descendente do barão, explicando que, mesmo ultrapassada a quinta geração, a família decidiu dar prosseguimento aos festejos⁹.*"



**Figura 5: Casa-grande da fazenda Araripe, onde o barão do Exu viveu.
Fonte: Fundarpe**

⁸ Idem. p. 45

⁹ <http://escolas.educacao.pe.gov.br/layout.php?portal=6451&p=historia>

2.4. Luiz Gonzaga: o embaixador do Sertão

*Luiz Gonzaga fazia parte da categoria “gênio” e, portanto, tinha todas as características que cabem aos gênios: era sensível, sonhador, encantador, sedutor, inteligente, engraçado, generoso, mas também violento, autoritário, instável, imprevisível, impaciente, cheio de contradições. E também terrivelmente só, sofrido, “incompreendido”*¹⁰.

Eis aqui um grande desafio, traçar em algumas linhas a vida do pernambucano do século, o filho pródigo do Exu, o Rei do Baião, o gênio da musicalidade, são tantos e infinitos epítetos para designá-lo que essa tarefa de traçar sua biografia é feita acima de tudo com bastante admiração.

Falar da vida de um mito requer muita dedicação e acima de tudo pesquisa histórica profunda, posto que, suas histórias permanecem vivas em muitos cantos do Brasil, principalmente em sua cidade natal, o Exu. Muitos contemporâneos de Gonzaga têm extrema alegria em contar “causos” em que ele era o protagonista principal, sem falar que, apresentava uma nobreza de caráter e coração, nunca esquecendo seus conterrâneos aos quais, aliás, ajudava bastante fornecendo roupas, alimentos, educação, festa e é claro muita sanfona.



Figura 6: Luiz Gonzaga no início da carreira

Fonte: www.lucianoqueiroz.com/luizgonzaga.htm

¹⁰ DREYFUS, Dominique. Op. Cit, p. 16.

Luiz Gonzaga, era o segundo filho de Januário e Santana que ao total constituíram uma prole de 9 (nove) crianças. Eram um casal humilde e feliz. Santana era uma mulher de fibra, determinada e tinha autoridade sobre a casa e os filhos. Januário era um artista – sanfoneiro - também consertava esse instrumento, ficando conhecido como o maior sanfoneiro da região do Araripe, além disso, cuidava da roça pra conseguir o sustento de sua família,

(...) formavam um casal muito unido, nunca brigavam, nunca discutiam. Santana era uma mulher de fibra, que educava os filhos com o maior rigor. O pai nunca batia em nenhum. Os meninos eram tranqüilos e obedientes. Era Santana que tinha a autoridade na casa. Januário era um artista. Assim mesmo, o casal trabalhava duro para manter a família. Naquela época, nas fazendas, os moradores ainda dispunham de quinhão de terra, onde plantavam seu roçado. A terra no pé de serra era boa, arejada, raramente faltava água e as roças davam de tudo: frutas, legumes... Só não davam verdura, porque, no Sertão, verde só nos olhos das caboclas.¹¹



Figura 7: Januário e Santana
Fonte: www.reidobaiao.com.br

¹¹ DREYFUS, Dominique. Op. cit, p. 34



Nascido no dia 13 de dezembro de 1912 na fazenda Caiçara - às margens do Riacho da Brígida -, Luiz Gonzaga do Nascimento, veio ao mundo anunciado por uma estrela cadente, fato que fez seu pai Januário se benzer e até se amedrontar,

(...) Uma “zelação” riscou o céu. O homem parou, benzeu-se e ficou à escuta. Sabia o mar distante, não de que lado, mas “zelação” cai sempre no mar. E o barulho devia ser ouvido . Mas não veio nada. (...). O risco persistiu alguns minutos no céu. Januário continuava escutando. Pela primeira vez, duvidou de uma crença que recebera dos antepassados. “Zelação não cai no mar”. E aduziu, sentencioso, um tanto abalado: “se caísse, a gente ouvia o estrondo”. Depois, lhe veio outro pensamento mais pretensioso: “Bom sinal pro menino (tinha de ser um menino) que ia chegar”. Não sabia direito o que pensar. Mas tinha certeza de ser coisa boa, pois era uma estrela de luz. E deveria chamar-se Luiz, nome que lembraria aquela “zelação” a riscar o céu e a santa daquele dia¹²

Crescendo como grande parte das crianças pobres nascidas em fazendas do Sertão - sem escola, sem fartura e com grande dificuldade -, Gonzaga, juntamente com seus irmãos teve uma infância repleta de brincadeiras, aprendendo a nadar no Riacho da Brígida, montar a cavalo e, é claro que desde cedo demonstrava interesse especial pela “harmônica”, ou seja, a sanfona, que ficou conhecida assim muito tempo depois, quando Gonzaga já era famoso. Foi com seu pai que ele aprendeu a tocá-la e a venerá-la e ainda criança já se apresentava com o pai nos bailes da região,

“Luiz de Januário” como era conhecido na infância, aos 8 anos de idade substitui um sanfoneiro que falhou no trato em festa tradicional no terreiro de Miguelzinho na Fazenda Caiçara, no Araripe, Exu, a pedido de amigos do pai. Naquela noite o pequeno Lula deleitava-se tocando e cantando a noite inteira, e pensava na possibilidade de Dona Santana deixar ele tocar mais vezes. Luiz Gonzaga tocava feliz porque era a primeira noite que tocava com a permissão de “Mãe Santana¹³”.

¹² SÁ, Silva. O Sanfoneiro do Riacho da Brígida; vida e andanças de Luiz Gonzaga – O Rei do Baião. Pref. De Leonardo Dantas Silva. 6 ed. rev. e aum. Recife: FUNDARPE. Diretoria de Assuntos Culturais, 1986. 314p. (Coleção Pernambucana – 2ª fase, 32). p. 5-6.

¹³ Informações retiradas do site: www.reidobaiao.com.br



Predestinado, Luiz conseguiu cruzar o solo ingrato do Sertão pernambucano, vencendo as condições inóspitas daquele lugar, saindo do anonimato e levando sua música para conquistar o mundo:

Fazendo escola, Luiz Gonzaga foi o marco divisor de águas da música popular nordestina de raízes fincadas no solo árido da região, rachado como as faces dos sertanejos e pela inclemência do sol, retratam a dureza de um e de outro, sem contudo perderem a beleza. Dizem que o cacto não dá sombra nem encosto, mas mesmo assim é capaz de saciar a sede de qualquer sedento. Assim é o nordestino. A distância parece gente de pouca conversa, mas ao nos aproximarmos dele descobrimos o quanto é amigo e hospitaleiro¹⁴.

Luiz Gonzaga ia crescendo e tornando-se um garoto astuto e esperto. Conseguindo agradar o Coronel Aires ele passou a ser moleque de sua confiança e proteção. Foi o “Sinhô” Aires que realizou o sonho de Gonzaga e ajudou a comprar sua primeira sanfona de marca “Veado”, adquirida na cidade de Ouricuri e foram suas filhas que o ensinaram o “bê a bá” e a se comportar corretamente em bailes e festas.

A vontade de Luiz era ser artista, sanfoneiro, como o seu pai, e o próprio cenário do sertão o inspirava,

Até a natureza era música. Havia o estridente e interminável ranger dos carros de boi, o chocalho do gado no pasto, o vento na caatinga, o arrulho do asa branca, da ribaçã, da rolinha, o canto do assum preto e, quando chovia, o coro das jias na escuridão da noite. E Gonzaga ia assimilando esses sons, com uma sensibilidade que impressionava os familiares, os amigos (...)¹⁵

Já na adolescência, era conhecido no Araripe e em todas as suas cercanias como sanfoneiro que animava bailes e festas. Sua fama estava se espalhando. Aos 17 anos, Gonzaga tem seu primeiro amor e sua precípua decepção.

¹⁴ ARLEGO, Edvaldo. Luiz Gonzaga – O pernambucano do século. Recife: Ed. Edificantes, 2004. p. 61.

¹⁵ DREYFUS, Dominique. Op. cit, p. 39

Apaixona-se por Nazarena (Nazinha) “*menina de posses pertencente a uma tradicional família de Exu, mas logo o namoro foi proibido, pois para o pai da menina ele não passava de um tocadorzinho*”¹⁶.

Contudo, Luiz Gonzaga, não se abate e como bom sertanejo vai “tirar satisfação” com o pai da moça e compra uma faca para desafiá-lo na feira do Exu. O Sr. Raimundo Deolindo, procura D. Santana e lhe relata o atrevimento do rapaz e afirmando a ela que só não o matou por ele ser seu filho. Mais tarde ao chegar em casa, Gonzaga leva uma surra da mãe. Era o ano de 1930 e a partir daí, sua vida mudaria completamente. Ele vai à procura de Zé de Elvira, um tangedor que viajava frequentemente para a cidade do Crato e acerta com ele sua ida para essa cidade:

*(...) anoiteceu quando Zé de Elvira e Gonzaga, com a sanfona nas costas e Nazarena no peito, atingiam a vertente cearense da Serra do Araripe. Dormiram no mato, e, na segunda-feira de manhã, chegaram no Crato. Lá, se separaram. A idéia de Gonzaga era ir até Fortaleza para sentar praça. Apesar de Exu está situado em Pernambuco, os exuenses são tradicionalmente mais vinculados ao Ceará, que fica bem mais próximo. Por isso Luiz Gonzaga foi para Fortaleza e não para o Recife, que só viria a conhecer no final dos anos 40. No Crato, Gonzaga vendeu a sanfona para conseguir o dinheiro da passagem de trem... e foi até a estação. Naquele dia, só havia trem cargueiro para Fortaleza: Conversei com o chefe do trem, e ele deixou que eu embarcasse. Ô viagem ruim! Sofri demais!*¹⁷



Figura 8: Luiz Gonzaga em show
Fonte: www.ailtonmedeiros.com.br

¹⁶ www.reidobaiao.com.br

¹⁷ DREYFUS, Dominique. Op. cit, p. 57

Ao desembarcar em Fortaleza, Luiz alista-se no Exército, no Batalhão de Caçadores e daí em diante viaja por vários Estados brasileiros: Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Paraíba, Ceará, Rio de Janeiro, etc. Por demonstrar grande habilidade como corneteiro, recebe o apelido de “Bico de Aço”.

Após andanças pelo país, em 1939 “Bico de Aço” deixa o Exército e ruma em direção a sorte que lhe apontava um futuro musical brilhante. Embarca num trem em direção ao Rio de Janeiro, levando na bagagem uma passagem de navio para o Recife, bem como dinheiro para suas despesas até chegar ao Exu. No entanto, o navio demora dias para chegar, e Luiz que aguardava num quartel vizinho ao bairro do Mangue, onde rolava festinhas, decide se arriscar e vai tocar sua harmônica pra ganhar “uns trocados”.

*Em 1940 Gonzaga conhece o guitarrista português, Xavier Pinheiros, e forma dupla tocando no Mangue e nas casas noturnas (cabarés), do Rio de Janeiro. Ele começou tocando músicas de Manezinho Araújo, Augusto Calheiros e Antenógenes Silva, começou a apresentar-se nas rádios em programas de Calouros. Em 1941 conhece Januário França, no qual transmite a Gonzaga um convite de Genésio Arruda, para acompanhá-lo numa gravação na RCA Victor. Logo em seguida é convidado para gravar um disco solo; grava dois, e nos cinco anos seguintes, Luiz Gonzaga grava cerca de 30 discos. A partir de 1941, Luiz Gonzaga já tinha o título de **MAIOR SANFONEIRO NORDESTINO**¹⁸.*



Figura 9: Lua e sua sanfona branca
Fonte: mariaaparecida.wordpress.com

¹⁸ www.reidobaiao.com.br

2.5. Lua: o sanfoneiro do Aza Branca

Finalmente, após amargar alguns dias de sofrimento no Rio de Janeiro, Luiz Gonzaga, passa a fazer programas de sucessos na Rádio, sendo vítima inclusive de comentários sarcásticos de Ary Barroso. Inicialmente, é contratado pela Rádio Tamoio e em 1944 é despedido pela mesma, passando a integrar a famosa Rádio Nacional. Neste mesmo ano, Paulo Gracindo lhe dá a alcunha de Lua, como ele mesmo explicou o fato,

*Foi então que Paulo Gracindo me lançou no seu grande programa.
Fez meu lançamento assim: - Aí, com sua sanfona e sua simpatia,
Luiz Lua Gonzaga.
Eu tinha mesmo a cara de lua cheia. O apelido pegou¹⁹.*

A partir daí, o sucesso persegue definitivamente Lua. Consegue gravar discos pela RCA VICTOR. Mesmo enfrentando grande dificuldade para cantar, já que, o diretor da gravadora, Vitório Lattari, dizia que ele cantava bem “ruinzinho” e que a gravadora necessitava de um sanfoneiro no seu cast, pois de cantores, eles já estavam com o quadro preenchido, Lua, tornou-se um grande avatar da música popular brasileira, gravando em 1945 sua primeira música como cantor a mazurca Dança Mariquinha em parceria com Saulo Augusto Silveira Oliveira,

*Dança, dança, Mariquinha, para o povo apreciar
Essa boa mazurquinha, que pra você vou cantar
Ouça, meu bem, a sanfona tocar*

*Quitiribom, quitiribom, toca no baixo desse acordeom
Quitiribom, quitiribom, que mazurquinha, que compasso bom*

*Quando pego na sanfona, a turma se levanta
E pede uma mazurca, quando bato a mão no fole
Sei que a turma toda, vai ficar maluca*

*Todo mundo se admira do fraseada que a sanfona diz
Quando acaba a contradança, o povo admirado ainda pede bis.*

¹⁹ SÁ, Sinval. Op. cit, p.128

2.6. Outros fatos...

Ainda no ano de 1945, Lua grava mais dois discos, com os sucessos *Penerô Xerém* e *Cortando o pano*. No entanto, estava querendo dar um toque mais nordestino às suas composições e para isso contacta o maestro Lauro Maia para lhe ajudar. Este, lhe apresenta seu cunhado, Humberto Cavalcanti Teixeira ²⁰, que se tornaria grande e inesquecível parceiro de Luiz Gonzaga ao longo de sua carreira, sendo responsável por dividir com ele músicas de grande sucesso, como o “hino” *Asa Branca*, lançado em 1947. No dia 22 de setembro de 1945, nasce seu filho Luiz Gonzaga do Nascimento Júnior - Gonzaguinha - , fruto de uma relação com a cantora Odaléia Guedes dos Santos. Não obstante, vale lembrar que, quando Lua (que era estéril) conheceu Odaléia ela já estava grávida, no entanto, ele adota a criança e lhe dá o seu nome.



Figura 10: Lua, Odaléia e Gonzaguinha
Fonte: www.luizluagonzaga.com.br

²⁰ **Humberto Cavalcanti Teixeira** (Iguatu, 5 de janeiro de 1915 - Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1979) . É nacionalmente conhecido como parceiro de Luiz Gonzaga, o Rei do Baião. Um grande sucesso da dupla é a composição Asa Branca, lançada em 1947. Foi advogado, político, instrumentista, poeta, compositor, fundador e Presidente da Academia Brasileira de Música Popular. Texto retirado do www.wikipedia.org.br

Essa parceria de sucesso iniciara-se em 1946, com a música “No meu pé de serra” , entre outros sucessos: *Baião, Juazeiro, Léguas Tirana, Assum Preto e Respeita Januário, e etc.* Tal parceria atravessaria três décadas, chegando até 1979, quando Humberto Teixeira falece. Segue letra desse clássico que até hoje representa a face sertaneja do Brasil:

*Quando olhei a terra ardendo,
Qual fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu, uai...
Por que tamanha judiação
Que braseiro, que fornaia.
Nem um pé de prantação
Por falta d'água perdi meu gado...
Morreu de sede meu alazão
Inté mesmo a asa branca, bateu asas do sertão
"Intonce" eu disse adeus Rosinha, guarda contigo meu coração
Hoje longe muitas léguas ,numa triste solidão
Espero a chuva cair de novo,
Para eu voltar pro meu sertão
Quando o verde dos teus oio.
Se espalhar na prantação
Eu te asseguro não chore não, viu
Que eu voltarei, viu... meu coração*



Figura 11: Luiz Gonzaga rodeado por aves asa branca
Fonte: adese.serido.zip.net/images/asabranca.jpg

Em 1948, conhece Helena Neves Cavalcanti nos bastidores da Rádio Nacional. Ela era sua fã e foi perguntá-lo por qual motivo ele não respondia suas correspondências e ele disse: *não tenho tempo pra respondê-la*. E Helena disse: *por que não contratas uma secretária* e ele disse: *pois está contratada*. E no dia 16 de junho do mesmo ano, casaram-se e adotaram uma menina, a qual batizaram de Rosa do Nascimento, *Rosinha*.



Figura 12: D. Helena, Luiz e Rosinha
Fonte: www.luizluagonzaga.com.br



Figura 13: Luiz Gonzaga e seu parceiro Humberto Teixeira
Fonte: <http://falasmusicais.blogspot.com/2007/12/tnei-do-tempo.html>

2.7. O desabrochar do Baião



Figura 14: Luiz Gonzaga e Zédantas
Fonte: http://geraldofreire.uol.com.br/ze_dantas_e_luiz_gonzaga.jpg

É, ainda no ano de 1947 que Lua tem o primeiro contato com outro importante parceiro musical, Zédantas²¹, que sem dúvida deu grande contributo a música de Luiz Gonzaga. Foi com o auxílio de Humberto Teixeira e Zédantas, que o Baião nasceu e criou forte personalidade e influência na sociedade brasileira da 2ª metade de década de 40.

As novas gerações que ainda não conhecem as raízes do baião, têm agora a oportunidade de ler, aprender e difundir entre amigos toda a trajetória desse ritmo apreciado no Brasil inteiro.

(...) Luiz Gonzaga e Zédantas, criaram um ritmo que impregnou a alma dos brasileiros, num tempo em que a televisão ainda não tinha entrado pela porta da frente dos lares e ocupado um lugar de honra na sala de visita. E, se Luiz Gonzaga teve outro parceiro de peso, no

²¹ **José de Sousa Dantas Filho** (Carnaíba, 27 de fevereiro de 1921 - Rio de Janeiro, 11 de março de 1962), mais conhecido como **Zé Dantas**, foi compositor, poeta e folclorista brasileiro. Foi parceiro de Luiz Gonzaga em vários sucessos, incluindo "O Xote das Meninas". Retirado do site www.wikipedia.org.br



*caso, Humberto Teixeira, com quem divide a glória da composição “Aza Branca” e outras, seu nome foi sempre mais associado a Zédantas, com quem compôs “Xote das meninas”, “Vem morena”, “Riacho do Navio”, “Imbalança”, “ABC do Sertão”, “Cintura fina” e muito mais*²² .

Apesar de notáveis diferenças entre os dois parceiros de Lua, como ele mesmo os definiria, “Zédantas era homem do campo, sentia até o cheiro de bode nele”, e quanto a Humberto Teixeira, disse ele: “*embora fosse nordestino não saía de Copacabana...*”.

Sua parceria com Zédantas, duraria até 1962, ano de sua morte, no entanto, o baião, já tinha ganho forças internacionais e era o ritmo oficial do Brasil.

Entre os anos de 1948 a 1954 o baião foi o gênero musical da moda, conquistou compositores e intérpretes dessa época ao longo do país. Ganhou caracterização própria, falava do Nordeste, dos elementos sertanejos,

*Embora naquela época tenha-se gravado muito xote, xaxado, coco e outros ritmos conhecidos no Nordeste, o baião tornou-se predominante, passando esse termo a ser usado para designar o conjunto de ritmos de origem nordestina e, particularmente, a música divulgada por Luiz Gonzaga, logo transformado no principal representante da região*²³

No entanto, a partir de 1958 o baião sofre um sensível declínio, posto que, poucas músicas são lançadas e as emissoras de rádio perdem o interesse em tocá-las. O movimento da Bossa Nova estava no auge em 1958, com grandes expoentes, João Gilberto, Vinícius de Moraes e Tom Jobim, etc e vinha ganhando cada vez mais espaço e dominando o cenário musical brasileiro.

²² FERRETI, Mundicarmo Maria Rocha. Baião de dois: a música de Zédantas e Luiz Gonzaga no seu contexto de produção e sua atualização na década de 70. Prefácio de Flávio Chaves e Leonardo Dantas Silva. 2ª ed. Recife: CEPE, 2007. p. 7.

²³ Idem, p. 43.



Figura 15: Lua no palco com os amigos
Fonte: www.luizluagonzaga.com.br

Em 1961, Lua entra para maçonaria e 1962 perde seu parceiro Zédantas. No entanto, mesmo fora das paradas de sucesso nacionais, mas, sempre tocado no

Nordeste e considerado o “Rei do Baião”, em 1963 conhece o cearense Patativa do Assaré e grava dele em 1964 “A triste partida”, que consegue um sucesso impressionante, trazendo o rei de volta ao seu trono. Paralelo a isso, os novos artistas da MPB, passam a reverenciar Luiz Gonzaga, Geraldo Vandré grava “Asa Branca” em 1965; Caetano grava essa mesma canção em 1971 e Gilberto Gil cita-o como uma de suas principais referências.



2.8. Minha vida é andar por esse país... pra ver se um dia descanso feliz:

Idealizada por Lua, com o apoio do padre João Câncio - que ansiava por trazer de volta os vaqueiros que andavam distantes das portas da Igreja - realizou a primeira Missa do Vaqueiro em 1971 no Parque Lages, em Serrita - PE, - em homenagem a Raimundo Jacó - primo de Luiz Gonzaga que foi assassinado por um companheiro.

A Missa do Vaqueiro é um evento religioso e tornou-se tradicional na cultura popular do Sertão Pernambucano. É um espetáculo turístico cultural que tem sua origem marcada pela história de um assassinato sem resolução até hoje. Na madrugada de 8 de julho de 1954, o vaqueiro Raimundo Jacó foi covardemente assassinado com uma pancada na cabeça nos arredores do Sítio Lages em Serrita Pernambuco. O principal suspeito pelo crime bárbaro é Miguel Lopes que nutria uma rixa com a vítima. A única prova concreta do crime - uma pedra manchada de sangue - foi entregue à Polícia e sumiu misteriosamente, o que impediu o andamento das investigações.

Em 1972, apresenta o show “Luiz Gonzaga volta pra curtir”, no Teatro Tereza Raquel, no Rio de Janeiro, e pela primeira vez encara um platéia de jovens estudantes e artistas, recebendo em troca delírio total dos mesmos. Em 1973, deixa a RCA VICTOR, e passa a trabalhar para a ODEON. Tenta se lançar como Deputado Federal, porém, desiste da idéia. A pedido do então Governador de Pernambuco, Eraldo Gueiros Leite, Luiz Gonzaga vai a Exu tentar apaziguar o clima de guerra existente entre as famílias Alencar e Sampaio. Nos anos seguintes da década de 70, ele grava vários discos e passa por um bom momento em sua carreira musical. É reconhecido e respeitado como o homem que cantou o Nordeste, com todas as suas belezas e adversidades.



Figura 16: Luiz Gonzaga com sua clássica indumentária
Fonte: <http://fabiomota1977gonzagao.spaces.live.com/photos>

Inicia a década de 80 de forma especial e abençoada, cantando para o Papa João Paulo II, em Fortaleza, *“nessa ocasião, retirou da cabeça o seu chapéu de cangaceiro, que se tornara sua marca registrada e colocou-o, respeitosamente, na cabeça do Papa que o abençoou e disse Obrigado, cantador!”*²⁴



Figura 17: Luiz Gonzaga canta para o Papa João Paulo II – 1980
Fonte: <http://fabiomota1977gonzagao.spaces.live.com/photos>

²⁴ www.fundaj.org.br



Em 1981, recebe dois discos de ouro. A RCA VICTOR lhe presta homenagem lançando o disco “A Festa”, em comemoração aos seus 40 anos de carreira. Lança com Gonzaguinha o disco “Descanço em casa, moro no mundo”, fazendo uma grande turnê pelo país.

Em 1982, se apresenta no Teatro Bobinot na França, sob os olhares de Maria Bethânia e Celso Furtado, entre outras figuras importantes do Brasil. Vai morar no Parque Aza Branca, antiga Fazenda Itamaragi, que ele comprara em 1974, com o objetivo de transformá-lo em Parque de Eventos e em sua moradia. Em 1984 grava um LP com Gal Costa, o “Profana”, pela BMG Ariola.

Em 1985 recebe o troféu Nipper de Ouro pelos seus feitos musicais. Em 1986, retorna à França e se apresenta ao lado de Alceu Valença, Moraes Moreira, Fafá de Belém, etc. Já no ano de 1988, a RCA Victor lança uma coletânea de Gonzaga com 5 LP's , chamada de “50 anos de chão”.

Em 1988, entra com o pedido de divórcio contra Helena Gonzaga, posto que, assumi definitivamente seu romance com Edelzuita Barros, com quem mantinha um relacionamento amoroso há mais de dez anos.

O ano de 1989 foi o último e o mais triste da vida de “*seu Lua*”, pois que, subiu pela última vez num palco. Usando cadeira de rodas pelo seu estado debilitado - devido ao câncer na próstata -, “Seu Luiz”, ao lado de seus amigos Alceu Valença, Elba Ramalho, Gonzaguinha e etc, fez o Teatro Guararapes no Recife se emocionar. Levantou-se da cadeira de rodas, segurou o microfone e discursou em prol do forró: “*Quero ser lembrado como o sanfoneiro que amou e cantou muito o seu povo, o sertão, que cantou as aves, os animais, os padres e os cangaceiros, os retirantes, os valentes, os covardes, o amor...*”²⁵

²⁵ Trechos retirados do site www.luizluagonzaga.com.br



Figura 18: Último show oficial de “Seu Luiz”
Fonte: www.luizluagonzaga.com.br

Este foi o derradeiro show do “Rei do Baião” que deixou os palcos da vida no dia 02 de agosto de 1989, onde passara 42 dias internado no Hospital Santa Joana.

Luiz Gonzaga tornou-se uma figura emblemática da cultura brasileira: fez campanhas para presidentes da República, animou jantares em cerimoniais para reis e chegando, a um momento único em sua carreira internacional, se apresentou no Olimpia de Paris, em 1986.

Sem dúvida deixou uma legião de fãs por toda parte do país. Sua terra natal, que ele tanto amou, Exu - PE, guarda fortes lembranças e belas recordações dessa figura que saiu do solo “infértil” do sertão para levar música e alegria a vários corações sensíveis a um novo gênero musical, o baião.

2.9. Exu e “Lua”

Em 08 de setembro de 1907 Exu comemorou 100 anos de emancipação política - Lei nº. 844 de 10.06.1907 – porém, sua instalação oficial na nova sede só ocorreu na data citada acima, razão pela qual tornou-se sua data de aniversário.

Nascidos com uma diferença de apenas 5 anos, Exu e Gonzaga, trilharam os caminhos diferentes na vida. Exu, cidade sofrida do Sertão Pernambucano, teve seu crescimento inibido pelo descaso político e por outras questões de ordem sociais. Seu povo apesar de ser vítima da seca, desafia anualmente o chão seco e batalha à sua maneira em busca de uma sobrevivência digna. Não obstante a todos os obstáculos, Exu têm muito a comemorar, pois que, é conhecida internacionalmente como o berço do “*Pernambucano do Século XX*”, eleito através de votação pela emissora de TV Globo, entre outros títulos adquiridos por ele ao longo da sua vida: “*Rei do Baião*”, “*O sanfoneiro do Riacho da Brígida*”, “*Maior sanfoneiro do Brasil*”, “*Bico de Aço*”, “*O Sanfoneiro da Aza Branca*”, etc.

Destinos distintos entre si, no entanto, cruzados pelas raízes e pelo coração. Mesmo sendo uma estrela brilhante e viva no céu musical, Lua, nunca esqueceu sua terra natal, rendendo-lhe várias homenagens através de sua música, que tinha como pano de fundo a vida, os elementos e costumes do Sertão. Eis aqui, Luiz Gonzaga, filho pródigo do pé da Serra do Araripe, da cidade de Exu, que mesmo se desenvolvendo tardiamente tem a cara da superação, da alegria e do baião.



Figura 19: Monumento erguido em Exu em homenagem a “Lua”
Fonte: www.reidobaiao.com.br

2.10. Parque Aza Branca: a concretude de um sonho



Figura 20: Entrada do Parque Aza Branca – Exu / PE
Fonte: Fundarpe

Na entrada da cidade se encontra o bem mais emblemático de Exu, o Parque Aza Branca, - localizado às margens da BR 122 - parte da antiga fazenda Itamaragi - comprada por Luiz Gonzaga no ano de 1974. Já com a carreira consolidada e com a intenção de transformar a propriedade em parque de eventos, bem como mostrar Exu para o Brasil e para o mundo e até ao alcance da repercussão do seu trabalho musical. Ele manda edificar na antiga fazenda vários ambientes para diversão do povo e sua própria moradia. Era a conclusão de um velho sonho. A obra foi concluída no dia 13 de dezembro de 1982, data de aniversário do “Rei”. Foi um dia memorável para a cidadezinha de Exu que abriu as portas do Parque Aza Branca para todos, recebendo visitantes de todas as regiões do país, além, é claro, de contar com a presença de vários artistas e autoridades amigos de Lua. Na oportunidade da inauguração do Parque, “seu Luiz” lança o disco “O Rei volta pra casa”.

A generosidade do artista é demonstrada pelo programa do parque e pela estrutura sólida de suas edificações. O parque que remete a uma época gloriosa do artista conta com uma área de 30,6 hectares, onde estão localizados, a casa em que Gonzaga viveu de 1982 até 1989 - ano de sua morte, o Museu do Gonzagão, o Mausoléu do Gonzagão (onde seus restos mortais e de sua esposa repousam), Pousada de Januário e a Pousada de Santana, uma réplica de uma casinha de reboco, dois palcos de eventos - palco Gonzagão e o palco Gonzaguinha - , uma lojinha de souvenir, uma casinha para Januário - ele havia trazido seu pai da Fazenda Araripe para ficar sob seus mais preciosos cuidados - e ainda, conta com equipamentos de apoio para subsidiar as festas ocorridas naquele espaço acolhedor e mágico.

O gesto do artista, com a criação do parque oficializa a data do seu aniversário como o maior evento cultural da Região do Sertão pernambucano. Nos anos seguintes ao da inauguração do parque, todos esperavam ansiosamente a chegada do dia 13 de dezembro, pois, a “*festança*” e o forró estavam garantidos.



Figura 21: Mausoléu do Gonzagão
Fonte: Fundarpe

Ilustrações do Parque Aza Branca



Figura 22: Lojinha de souvenir
Fonte: Fundarpe



Figura 23: Museu do Gonzagão
Fonte: Fundarpe



Figura 24: Casa de Luiz Gonzaga tendo a frente o Palco Gonzaguinha
Fonte: Fundarpe



Figura 25: Casa de Januário dentro do Parque Aza Branca
Fonte: Fundarpe



Figura 26: Palco Gonzagão
Fonte: Fundarpe



Figura 27: Pousada Santana
Fonte: Fundarpe



Figura 28: Réplica de uma casinha de Reboco
Fonte: Fundarpe



Figura 29: Interior do Mausoléu do Gonzagão
Fonte: Fundarpe



Figura 30: Quarto de Gonzagão dentro de sua casa no Parque Aza Branca
Fonte: Fundarpe



Figura 31: Vista de um trecho do Parque Aza Branca
Fonte: Fundarpe

2.11. Antiga casinha de Januário

José Januário dos Santos nasceu em 25 de setembro de 1888, no município de Floresta, sendo registrado no dia 13 de julho de 1918. Foi para o Exu, ainda muito jovem. Ganhava a vida com o conserto de harmônicas, com a venda de cordas, na agricultura e, tocando em bailes com sua sanfona. Ele tocava fole de 8 baixos - que viria a se celebrar em música de Luiz Gonzaga. Além de sua famosa sanfona, tinha um conjunto de pífanos. Faleceu no dia 03/08/1972, devido a problemas cardíacos. Foi grande inspirador e figura indispensável na vida de Luiz Gonzaga.

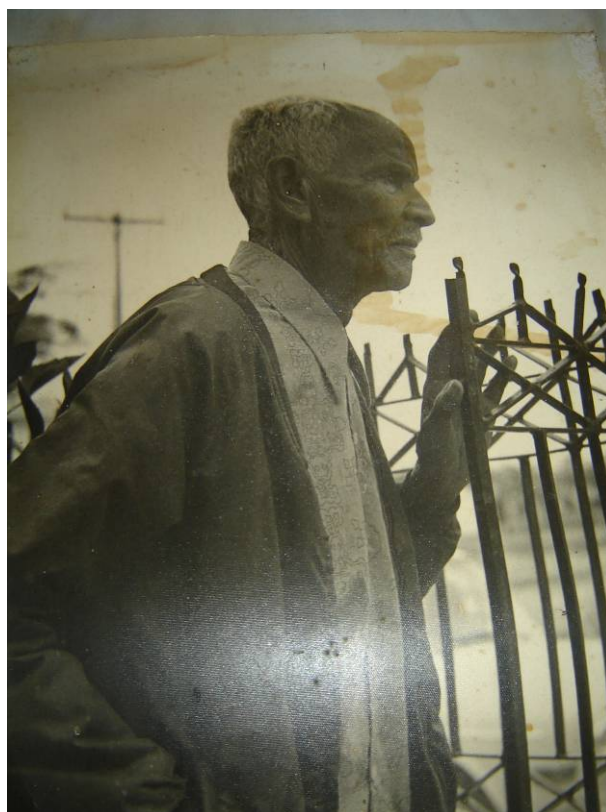


Figura 32: Seu Januário - Pai de Luiz Gonzaga
Fonte: Fundarpe

Na Vila da Fazenda Araripe, encontra-se a primitiva casa de Januário, o mais antigo testemunho, de pé, da vida de Luiz Gonzaga. Ela integra o circuito de origem e memória de Luiz Gonzaga em Exu e situa-se no casario de moradores onde a maioria dos imóveis é de uma mesma escala, levantados em sistema construtivo de taipa e pau-a-pique, convivendo ao lado da Casa-grande e Igreja, construídos pelo Barão do Exu.



Figura 33: Casa primitiva de Januário
Fonte: Fundarpe

Foi nessa casa de Januário que Luiz Gonzaga partiu ao deixar Exu. Retornando a ela somente em 1946, atribui-se a janelinha direita, o local em que o artista bateu chamando o pai, sendo recebido pelo “véio Januário” da seguinte maneira : **“Quem é o Sinhô? Luiz Gonzaga seu filho! Isso é hora de você chegar em casa corno sem vergonha!?”**

Deste encontro, Lua compõe juntamente com Humberto Teixeira, a música “*Respeita Januário*”, em homenagem àquele homem que foi o motivador e figura indispensável na vida de Lua.



Anexo I: O Baião e sua origem

O BAIÃO E SUA ORIGEM

Um casal dança no meio da assistência fazendo uso de palmas, sapateados, castanholas e estala os dedos com os braços abertos. Em seguida, dirige-se a outro casal e aplica-lhe uma umbigada. É sinal de que este nôvo par deve substituí-lo no centro da roda, demonstrando sua habilidade nos pés e velocidade nos movimentos do corpo.

Isto é o **baião** ou **baiano** (por ser característico dos Estados nordestinos, da Bahia para cima), dança mestiça, de origem africana, transformada quase numa dança típica do interior de Pernambuco: "Cavalo marinho / dança bem baiano/bem parece ser/um pernambucano".

Depois dos improvisos dos dançarinos, começa o desafio poético entre os participantes. Afirma o folclorista Luís da Câmara Cascudo que os cantadores sertanejos chamam de **baião** ou **rojão** a breve introdução musical executada antes do desafio.

Em sua forma original, os instrumentos empregados na execução do baião foram a viola, o pandeiro e a rabeca. Com a urbanização e estilização realizadas por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira o ritmo nordestino chegou até mesmo às grandes orquestras.

Para o Maestro Júlio Medaglia há um aspecto muito curioso no baião: sua utilização de modos medievais ao lado do sistema tonal, comum a quase toda a música popular urba-

na ocidental. O sistema tonal resume-se, primitivamente, num encadeamento básico de acordes que o acompanhador executa de acôrdo com exigências da melodia, os quais caracterizam o tom no qual a música se baseia — os famosos dó maior, si menor, mi bemol maior, etc.

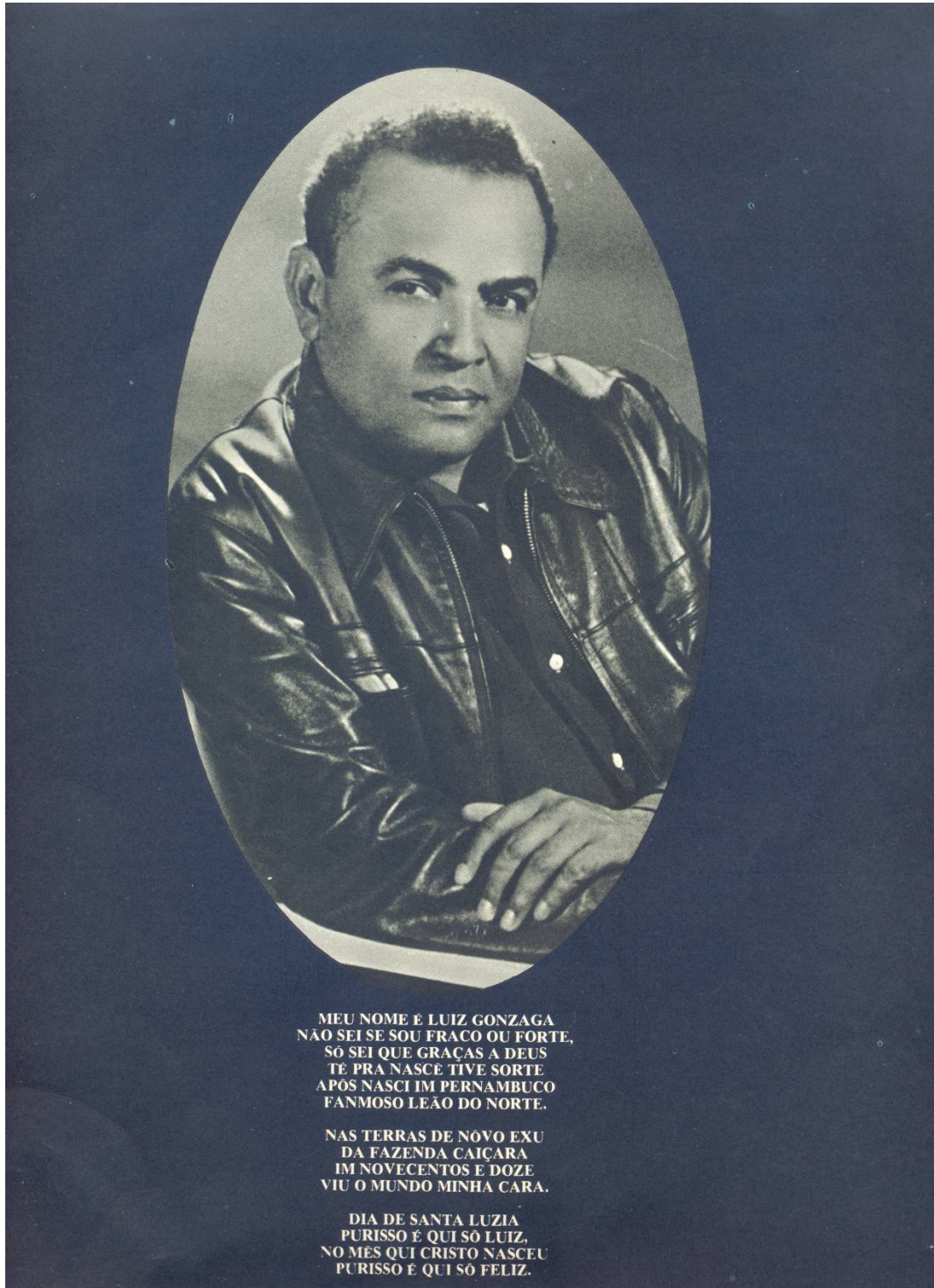
O sistema acústico modal (de origem grega) é anterior ao tonal e era comum na Idade Média. Possui um encadeamento melódico diferente que pode ser observado no canto gregoriano. Os modos baseavam-se numa série de escalas (espécie de tons da nossa época), cada uma com características diferentes e com nomes próprios.

O baião **Juazeiro**, por exemplo, é baseado no modo medieval mixolídio. Ele assemelha-se a uma escala tonal de dó maior, mas com si bemol, isto é, com a sétima nota da escala abaixada. "Juazeiro velho amigo": a sílaba "ve" é cantada no sétimo grau da escala abaixado.

É difícil identificar na colonização brasileira qual é exatamente o fenômeno que originou o uso de modos medievais na composição popular. Provavelmente é uma consequência da catequese dos padres carmelitas e franciscanos, assim como o contato com os beneditinos, que se espalharam pelo norte do Brasil e eram os principais praticantes do canto medieval codificado por São Gregório.

Texto retirado do suplemento de História da Música Popular Brasileira. Luiz Gonzaga / Humberto Teixeira. Nº. 13. Edição Quinzenal. Ed. Abril Cultural: São Paulo, 1970. p.9.

Anexo II: Auto-definição



Texto retirado do suplemento de História da Música Popular Brasileira. Luiz Gonzaga / Humberto Teixeira. Nº. 13. Edição Quinzenal. Ed. Abril Cultural: São Paulo, 1970. p. 1.

3. ANÁLISE FÍSICA

3.1. LOCAIS DAS PROPRIEDADES DA FAMÍLIA ALENCAR

Pretende-se aqui apresentar o roteiro dos locais de origem da vida de Luiz Gonzaga nas propriedades da família Alencar.

Fazenda Caiçara



Figura 34: Casa grande da Fazenda Caiçara
Fonte: Fundarpe

Na fazenda Caiçara nasceu Luiz Gonzaga em uma casinha às margens do Riacho da Brígida, no dia 13 de dezembro de 1912. Aquela casa desapareceu em consequência da sua proximidade com o rio. Hoje, um marco na entrada da fazenda refere-se à casa que um dia existiu.



Figura 35: Marco alusivo a casa onde Luiz Gonzaga nasceu
Fonte: Fundarpe

A fazenda Caiçara reporta-se a Leonel Alencar, o primeiro membro chegado ao Brasil dessa família. A casa grande da fazenda é tipologicamente diferenciada das demais construções locais. Erigida em alvenaria de pedras, exhibe soluções relacionadas com preocupações com segurança. Na casa nasceu Bárbara de Alencar, heroína do movimento revolucionário de 03 de maio de 1817. Essa casa foi restaurada pela família e hoje abriga o museu da heroína.

Fazenda Araripe



Figura 36: Vista da Casa Grande com a senzala ao lado
Fonte: DPC Fundarpe, maio 2008

A Fazenda Araripe localizada a cerca de 15 Km da sede do município, tem origem relacionada à 3ª geração da família Alencar na região, representada por Guálter Martiniano de Alencar Araripe.

A fazenda mantém seu núcleo original formado pela casa grande, senzala e igreja que se expandiu aos poucos com as construções de casas dos descendentes de seu fundador, também através do crescimento de um arruado formado por casa de moradores e trabalhadores da fazenda, por fim com a implantação de equipamentos sociais como uma escola e palhoça para eventos, entre outros.

As mudanças de propriedade através de gerações resultam também na diversificação das atividades econômicas na fazenda. A fazenda acolheu na década de 1940 uma pequena fábrica de beneficiamento de fibra de caroá, cuja construção hoje é usada como depósito.

CASA GRANDE



Figura 37: Vista da Casa Grande - propriedade mais antiga da fazenda
Fonte: DPC Fundarpe, maio 2008



Figura 38: Vista da lateral direita da Casa Grande
Fonte: DPC Fundarpe, maio 2008



Figura 39: Vista Frontal da Casa Grande
Fonte: DPC Fundarpe, maio 2008

A igreja de devoção a São João Batista tem sua construção devida a uma promessa que também exige comemoração anual da data do santo. A igreja está restaurada e em perfeito estado. Possui estrutura de cobertura singular.



Figura 40: Vista da igreja e uma casa grande de um descendente do fundador da fazenda
Fonte: DPC Fundarpe, maio 2008

IGREJA DE SÃO JOÃO

A edificação que compõe a igreja se desenvolve em 2 (dois) pavimentos.

Encontram-se no térreo: nave, altar, com duas capelas laterais e este, e 4 capelas, nas porções laterais, equidistantes do altar e nave. No 1º pavimento são encontrados o coro e duas (02) salas. Observando-se a fachada, percebe-se a simetria desta. É composta por 5 (cinco) portas no térreo - três (03) das quais, com duas (02) folhas almofadadas e duas (02) entaipadas - e 5 (cinco) janelas no pavimento superior, onde três (03) delas possuem duas (02) folhas em almofada e duas (02) estão entaipadas. Vale salientar que em todas elas são observados peitoril.

Deve-se destacar, ainda, a espessura das paredes.

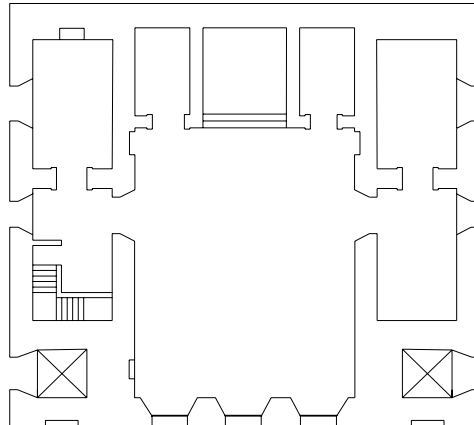


Figura 41: Planta Baixa – térreo; sem escala
Fonte: DPC FUNDARPE

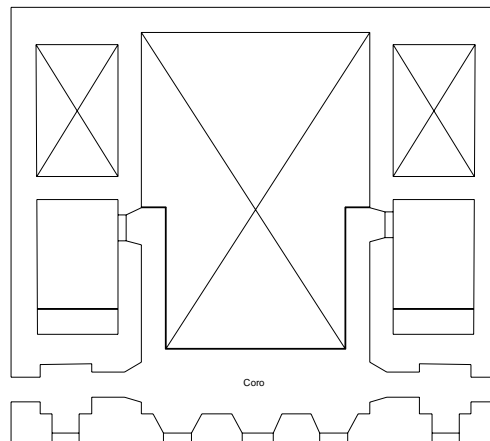


Figura 42: Planta Baixa – 1º. pavimento; sem escala
Fonte: DPC FUNDARPE

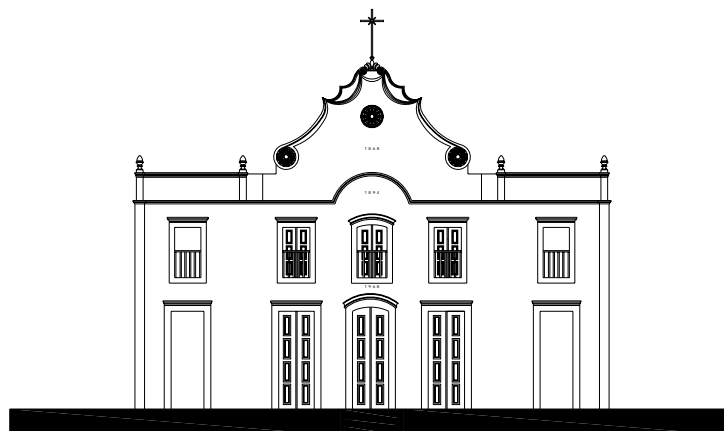


Figura 43: Fachada Frontal; sem escala
Fonte: DPC FUNDARPE

No arruado de moradores daquela fazenda depois de abandonar a casa da Caiçara, morou o antigo Januário, pai do famoso Luiz que ali viveu dos onze até seus dezoito anos quando partiu para ganhar o mundo.



Figura 44: Vista do arruado onde se encontra a Casa de Januário
Fonte: DPC Fundarpe, maio 2008

A antiga casa de Januário Vila da Fazenda Araripe

A casa possui tipologia térrea, em estilo vernacular, de taipa, com cobertura em duas (02) águas, com telhas, do tipo cerâmica. Na fachada são observadas três (03) aberturas, das quais duas (02) são janelas e uma (01) porta, com folhas duplas. A estrutura da cobertura da casa está comprometida necessitando de obra emergencial. O imóvel está indicado, com base no exame técnico para ser tombado, visando à garantia da sua preservação. Para a população local o valor afetivo e histórico do imóvel é inestimável. Os espaços funcionais da casa deverão ser recuperados.

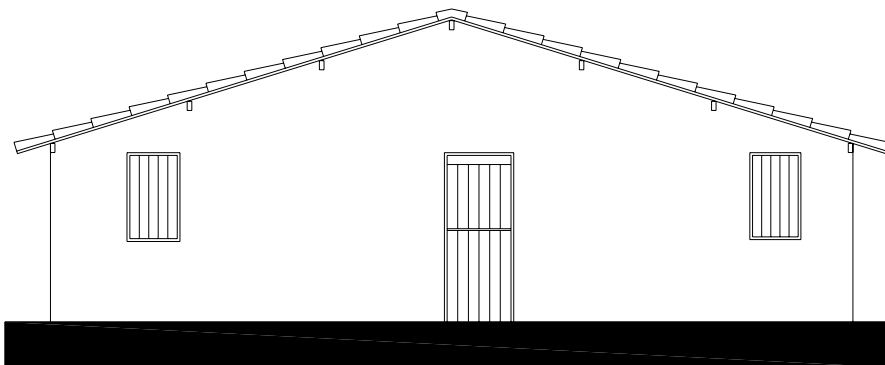


Figura 45: Fachada frontal; sem escala
Fonte: DPC FUNDARPE



Figura 46: Casa de Januário
Fonte: DPC Fundarpe, maio 2008

Antiga Fábrica de Caroá (Galpão) na Fazenda Araripe

Esta antiga fábrica desativada abrigou a partir da década de 1960 apresentações de Luiz Gonzaga nessa Vila da Fazenda Araripe. Essa razão provoca especulações que sugerem a recuperação do espaço visando utilização nas comemorações tradicionais juninas da fazenda. A edificação é composta por um grande vão onde ainda se encontra o palco onde Luiz Gonzaga fazia suas apresentações. Observando-se a fachada frontal, percebe-se o entaipamento de três (03) vãos, onde havia duas (02) portas e uma (01) pequena janela. São encontradas, ainda, duas (02) portas e quatro (04) janelas. Pode-se verificar a presença de uma seqüência de mãos-francesas, que, provavelmente, sustentavam uma coberta que formava um alpendre.

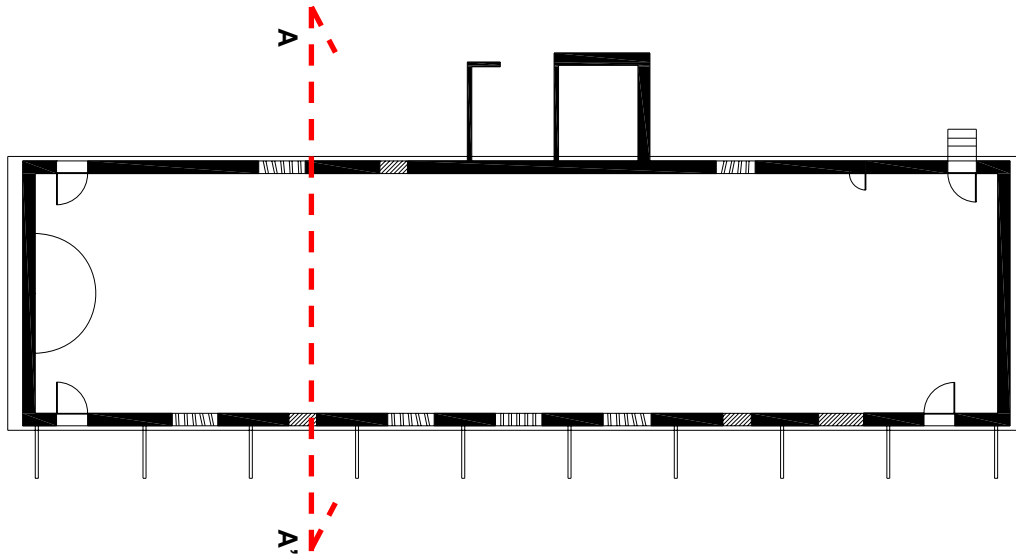


Figura 47: Planta Baixa do Galpão; sem escala
Fonte: DPC FUNDARPE

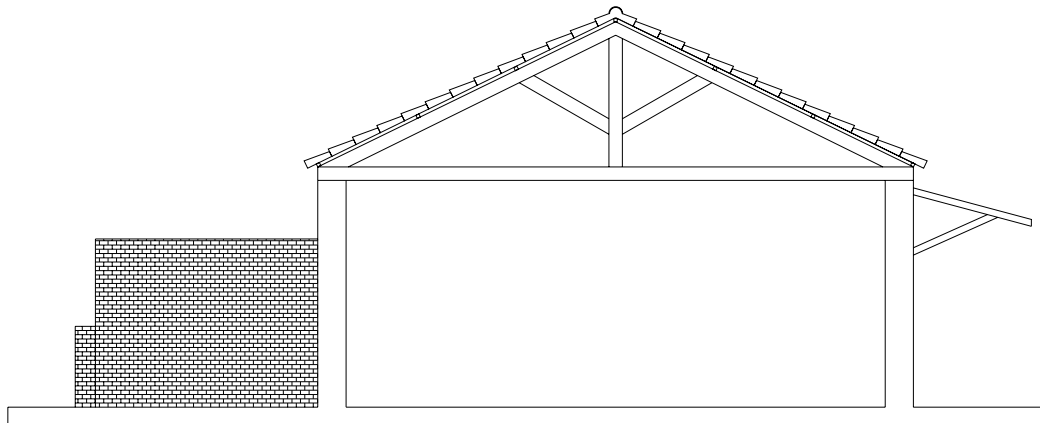


Figura 48: Corte AA'; sem escala
Fonte: DPC FUNDARPE

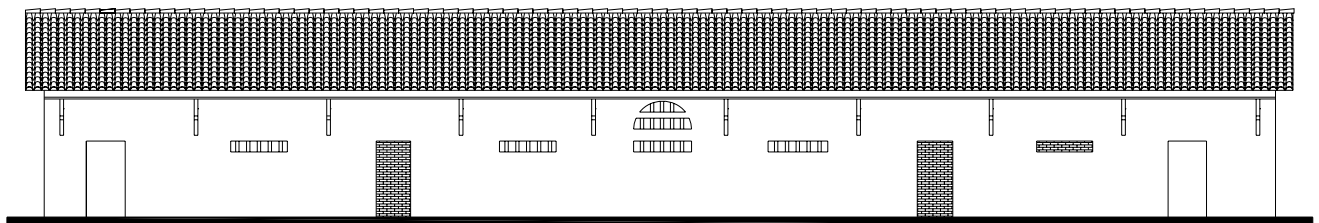


Figura 49: Fachada Frontal; sem escala
Fonte: DPC FUNDARPE

A segunda casa de Januário na Vila da Fazenda Araripe



Figura 50: Vista da 2ª. Casa de Januário - fachada frontal; sem escala
Fonte: DPC FUNDARPE

Luiz compra uma casa nova para seu pai na Vila. Januário morou nela até se mudar para a Fazenda Itamaragi, para ficar perto do filho quando este havia retornado à cidade de Exu.

A casa é edificada sobre um embasamento com cerca de 0.50cm. É composta por um (01) alpendre, na sua porção esquerda, por onde se dá o acesso ao seu interior. O programa é composto por três (04) quartos, sala, cozinha, banheiro. É coberta em duas (02) águas, com telhas cerâmicas.

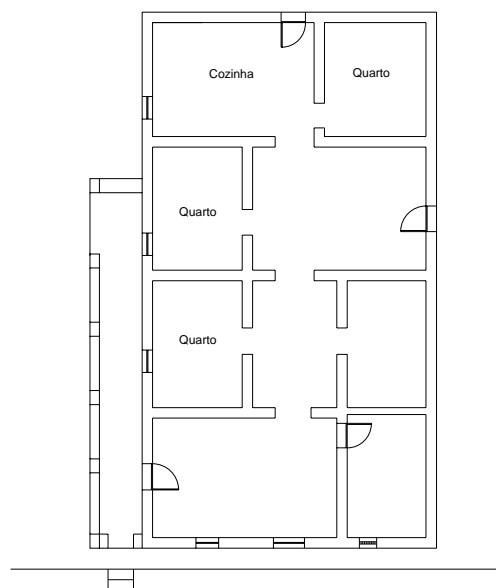


Figura 51: Planta Baixa; sem escala
Fonte: DPC FUNDARPE

3.2. PARQUE AZA BRANCA

O Parque Aza Branca localiza-se na entrada da cidade de Exu – com acesso nas margens da BR 122 – inserido em parte da antiga Fazenda Itamaragi – comprada por Luiz Gonzaga no ano de 1974.

A proposta do Parque Aza Branca foi centralizar eventos e memória que representassem a musicalidade nordestina, da qual o próprio Gonzaga foi o grande difusor.



Figura 52: Parque Aza Branca - destaque para as edificações
Fonte: ONG Parque Aza Branca; elaborado por Daniella Esposito, 2009

Principais Imóveis

 Casa de Luiz Gonzaga	 Pousada de Januário
 Museu	 3a. Casa de Januário
 Mausoléu	

Áreas Terreno – 3,07ha Perímetro – 847,30m



O parque possui cerca de 3,07ha e seu programa se distribui em torno da casa grande, local de residência do Rei do Baião entre os anos de 1982 e 1989. Para realização de eventos foram projetados dois (02) palcos: Gonzagão e Gonzaguinha, baterias de sanitários e bar de apoio; para acomodar artistas e visitantes duas (02) pousadas: Santana e Januário. Compondo ainda o programa, o Museu do Gonzagão (para guardar o acervo valioso da trajetória do “Rei”) e uma lojinha de souvenir. O parque possui uma ambiência formada por vegetação própria da região, que cria um cenário típico do Sertão Pernambucano, onde se destacam os pés de juazeiro e cactáceos. Com a mesma intenção de recriar a paisagem nordestina, há ainda uma réplica de uma casa de reboco. A obra do parque foi concluída no dia 13 de dezembro de 1982, data de aniversário do “Rei”.

Após falecimento do cantor, seu filho Gonzaguinha, mandou erigir no parque o Mausoléu, para guardar os restos mortais de seu pai.

A casa grande da Fazenda Itamaragi (casa de Luiz Gonzaga)

Após a compra desse imóvel Luiz Gonzaga providenciou as reformas para que este ficasse do jeito que precisava. Situada nos limites do seu parque de eventos, queria acomodar nela muitos hóspedes, e poder ter uma grande mesa para refeições.

A casa disposta em 2 pavimentos, acomodou um programa com áreas íntimas e outras de trânsito livre de hóspedes. Um vasto alpendre abraça no térreo as fachadas laterais e a posterior da casa, e por ele se acessa a edificação numa porta lateral. No térreo ficam o estar, sala de refeições (com a grande mesa), copa/cozinha e despensa, e dois quartos com acesso pelo interior e outros dois com acesso pelo alpendre. Baterias de sanitários apóiam os respectivos cômodos. Por um *hall*, onde também acomoda um pequeno estar se encontra o oratório e a escada de acesso ao pavimento superior. Dando ainda apoio à casa, foi construído um anexo na sua parte posterior onde funciona uma outra cozinha que seria usada para servir a grandes eventos.

No pavimento superior, concentram-se as áreas mais reservadas da casa, um estar, a suíte de Luiz Gonzaga, e cômodos que deveriam ser quartos, mas que foram reformados para guardar coleções de peças do cangaço, tema que ele apreciava. Todos os pertences pessoais com a mobília original da casa são mantidos no imóvel.

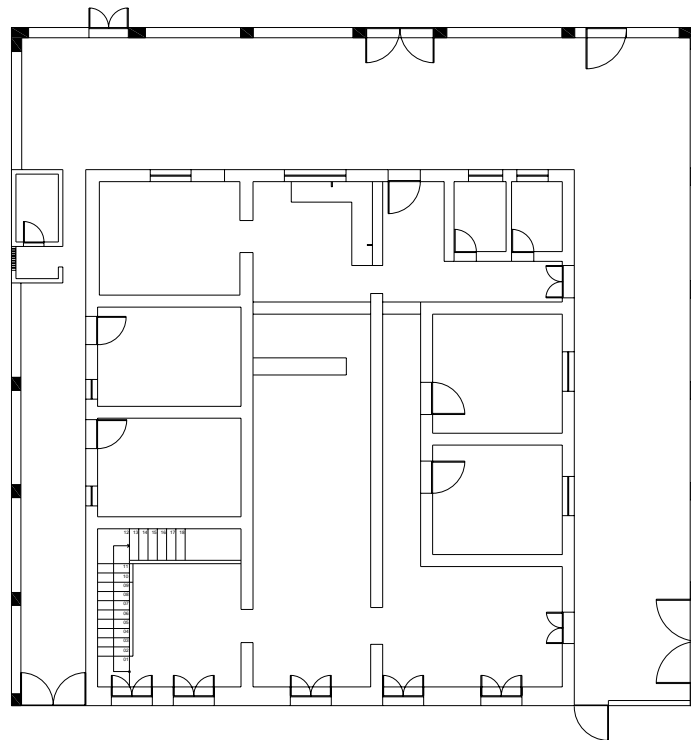


Figura 53: Planta Baixa – térreo; sem escala
Fonte: DPC FUNDARPE

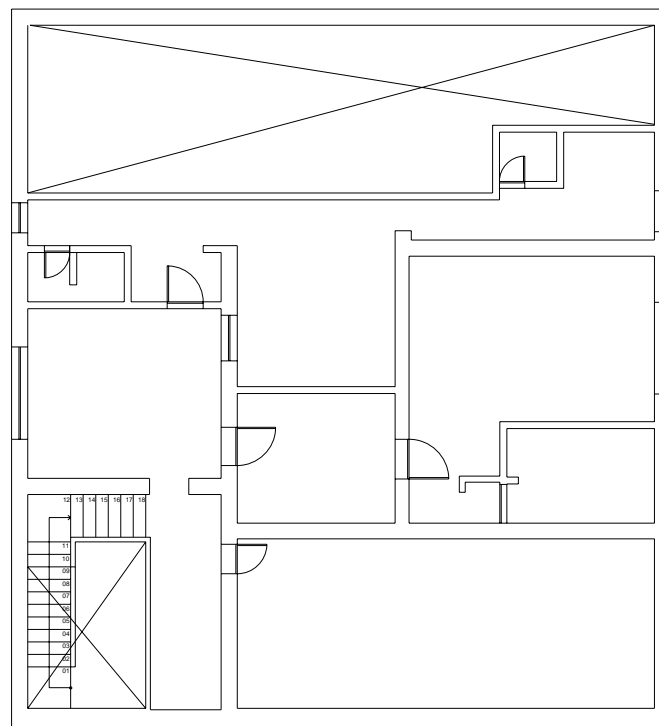


Figura 54: Planta Baixa – pavimento superior; sem escala
Fonte: DPC FUNDARPE

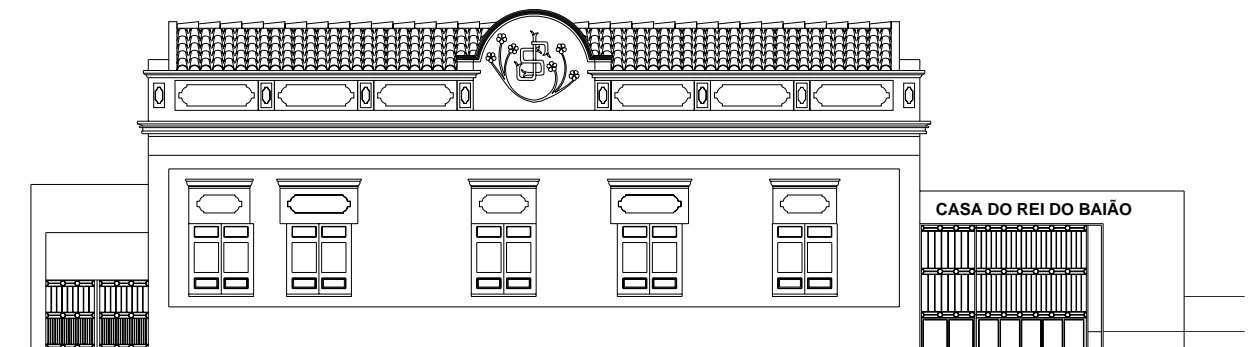


Figura 55: Fachada Frontal; sem escala
Fonte: DPC FUNDARPE

A fachada frontal do imóvel possui 5 janelas. Colocados junto da casa ficam os acessos à área do seu entorno protegido. O edifício tem uma composição de fachada eclética, simétrica com coroamento decorativo central. Deve ter origem no início do século XX. O coroamento possui iniciais relacionadas ao antigo dono da propriedade. Possui coberta em duas águas e telha do tipo canal.

Museu do Gonzagão

É no Museu do Gonzagão onde se encontra grande parte do acervo de Luiz Gonzaga, como livros, sanfonas, discos dentre outros. A edificação se desenvolve no pavimento térreo e possui um mezanino. Chega-se ao edifício por uma escadaria ou rampa, uma vez que ele se encontra elevado sobre uma base.

O programa do museu compreende hall de controle, salas de exposições, uma maior e duas pequenas no térreo; no mezanino também um espaço de exposições. Na fachada frontal são observadas duas (02) janelas, equidistantes, e uma porta com seis folhas, ambas do tipo veneziana. Há a presença de uma pequena jardineira, na porção esquerda, a escadaria ao centro e rampa no lado direito. Ainda, a coberta é composta por duas (02) águas com lajes cobertas com telha do tipo canal.

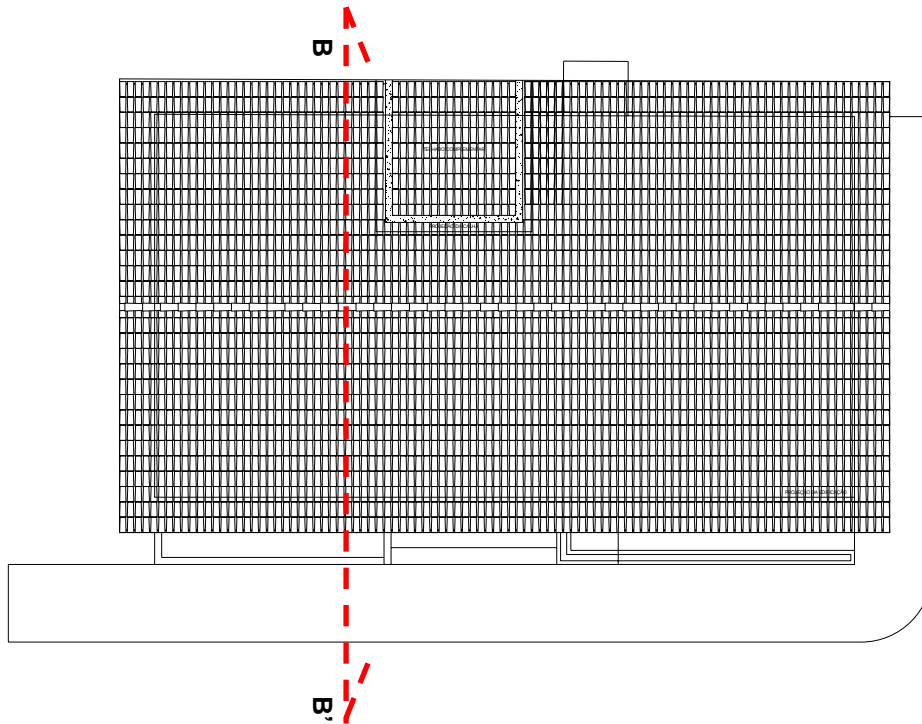


Figura 56: Planta de Coberta; sem escala
Fonte: DPC FUNDARPE

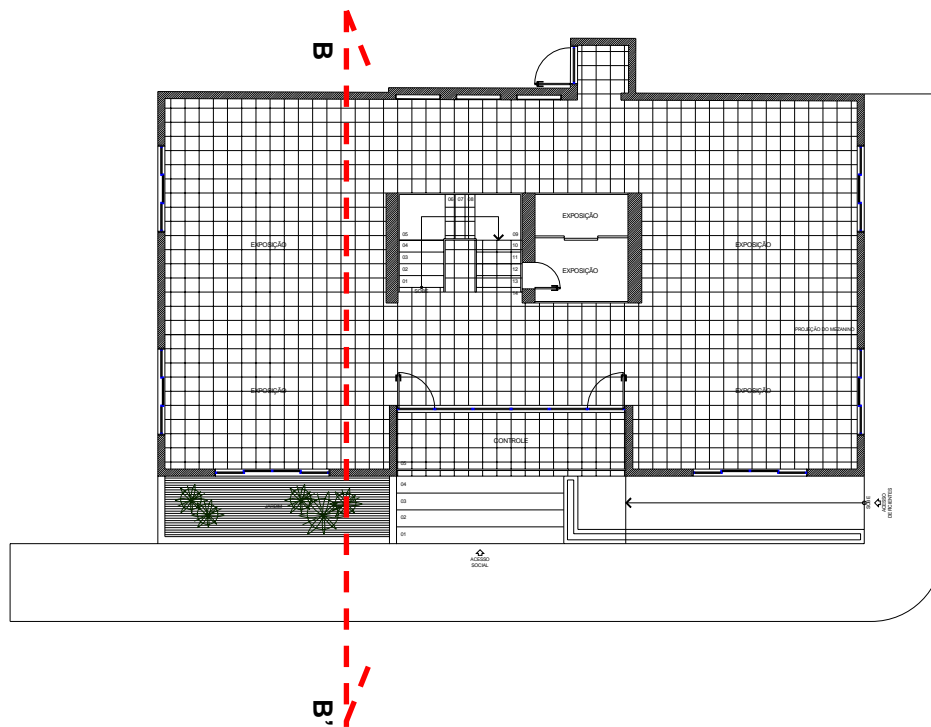


Figura 57: Planta Baixa – térreo; sem escala
Fonte: DPC FUNDARPE

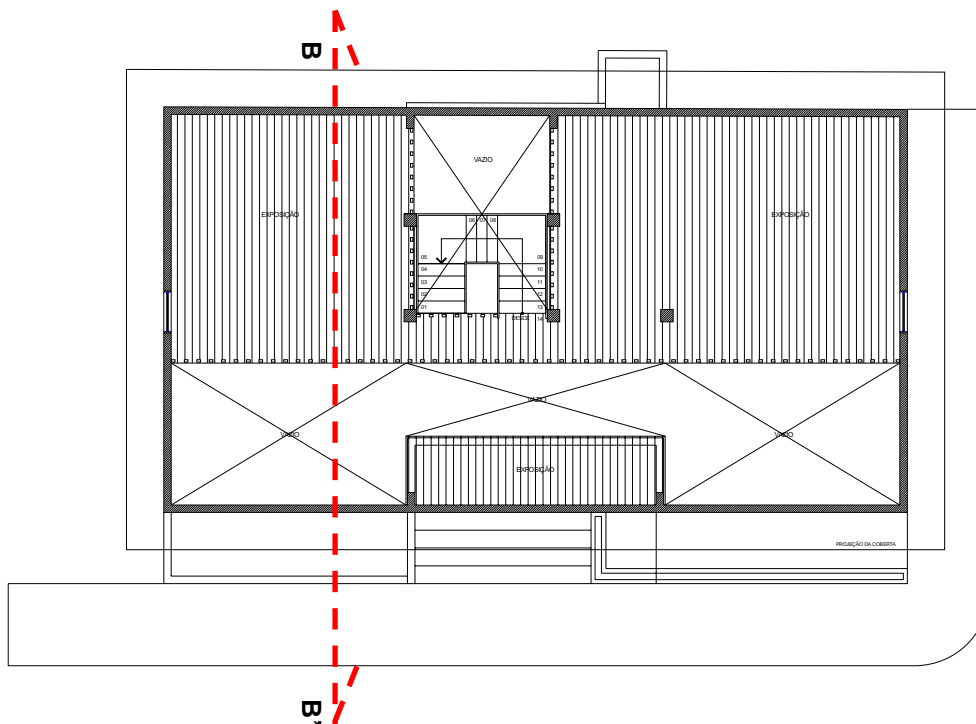


Figura 58: Planta Baixa – Mezanino; sem escala
Fonte: DPC FUNDARPE

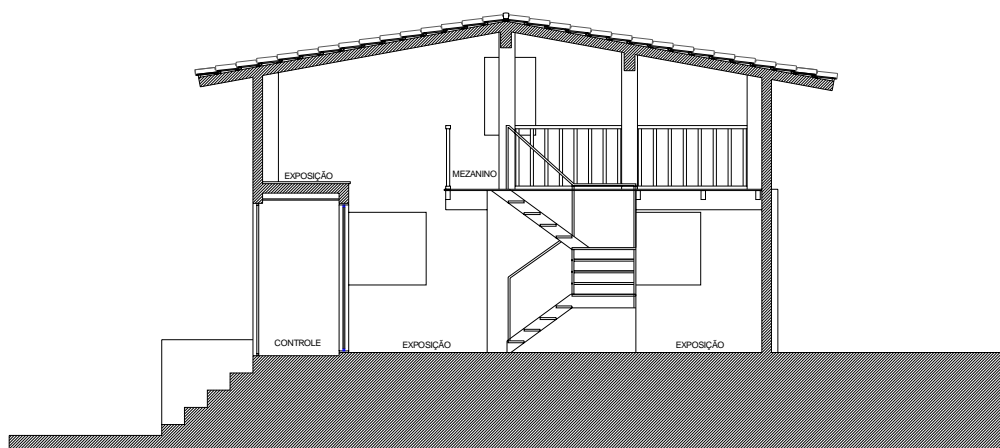


Figura 59: Corte BB'; sem escala
Fonte: DPC FUNDARPE



Figura 60: Fachada Frontal; sem escala
Fonte: DPC FUNDARPE

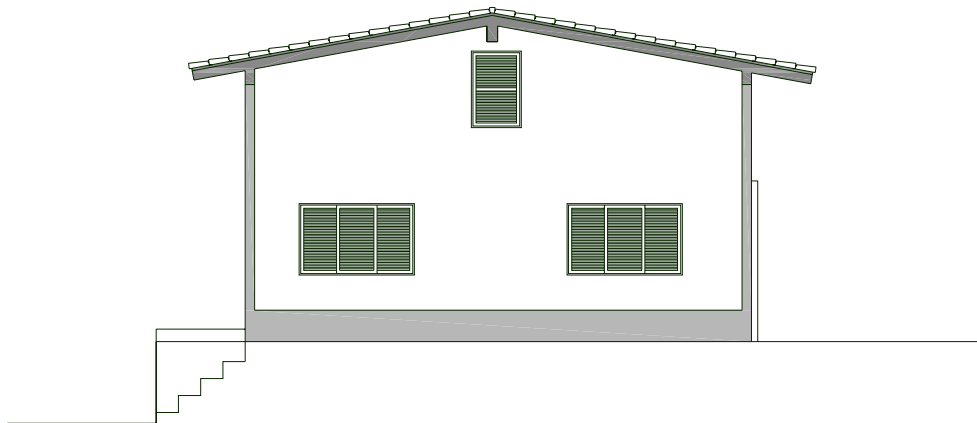


Figura 61: Fachada Lateral Direita; sem escala
Fonte: DPC FUNDARPE

Mausoléu

Nesta edificação são encontrados os restos mortais de Luiz Gonzaga e sua esposa.

O acesso à edificação é dado por meio de escadaria ou rampa. Na fachada principal se observa uma (01) porta, em vidro e alumínio, eqüidistante, e ladeada por dois jardins laterais. De acordo com a foto do interior da edificação, percebe-se que a mesma possui iluminação natural, dada por janelas laterais e posteriores.



Figura 62: Fachada Frontal
Fonte: DPC Fundarpe, maio 2008



Figura 63: Interior da edificação
Fonte: DPC Fundarpe, maio 2008

Pousada Santana

A edificação da pousada consiste em pequenos edifícios de térreo e 1º pavimento, onde, a cada dois (02) blocos é formado um conjunto, com escadaria comum para o pavimento superior e uma sacada. Observando-se a fachada, têm-se janelas do tipo veneziana, com quatro (04) folhas cada, e terraço, na porção esquerda.

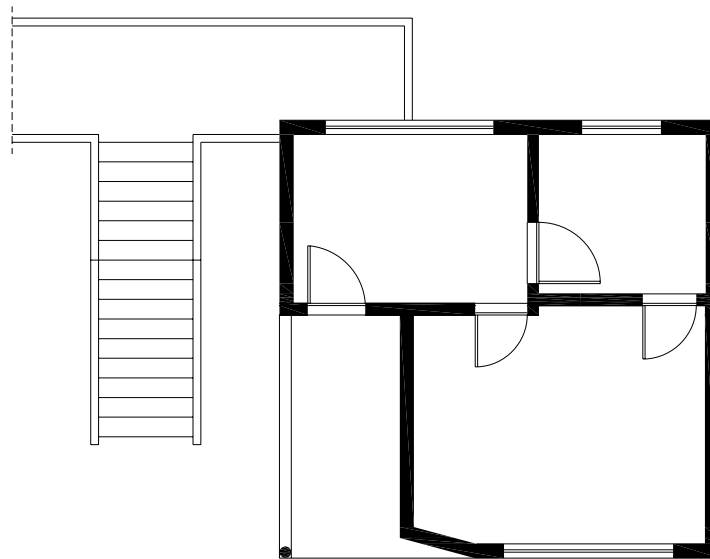


Figura 64: Planta Baixa – térreo; sem escala
Fonte: DPC FUNDARPE

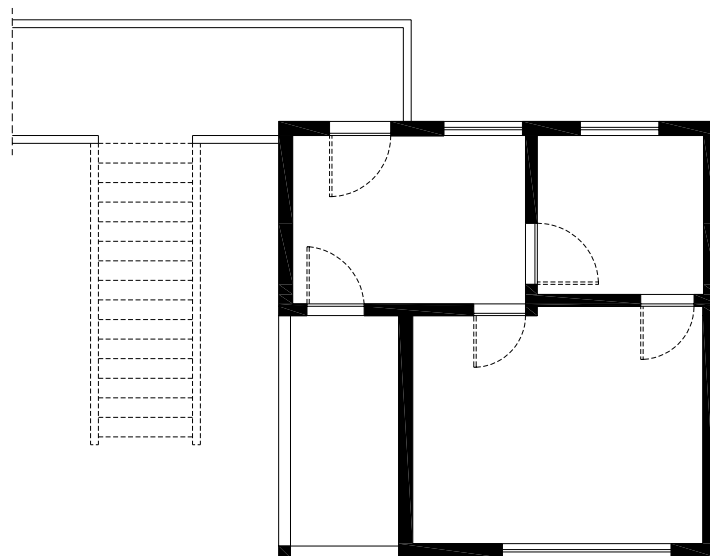


Figura 65: Planta Baixa – 1º. Pavimento; sem escala
Fonte: DPC FUNDARPE



Figura 66: Fachada Frontal
Fonte: DPC Fundarpe, maio 2008



Figura 67: Fachada Posterior
Fonte: DPC Fundarpe, maio 2008

3ª. CASA DE JANUÁRIO

A edificação onde está inserida a 3ª. casa de Januário se situa à direita da pousada que leva o seu nome. Possui um único pavimento, composto por terraço, sala, quarto, cozinha e banheiro. A cobertura é composta de duas (02) águas, dispostas em direção centro|laterais e com telhas do tipo cerâmica. Na fachada frontal é encontrada uma (01) janela do tipo veneziana, na porção esquerda, um (01) terraço e a porta de acesso, à direita. Observa-se ter havido a manutenção do mobiliário original.



Figura 68: Fachada Frontal
Fonte: DPC Fundarpe, maio 2008



Figuras 69 e 70: Interior da edificação
Fonte: DPC Fundarpe, maio 2008



Figura 71: Januário
Fonte: DPC Fundarpe, maio 2008



4. PARECER CONCLUSIVO

4.1 A genialidade musical de Luiz Gonzaga

Deveu-se a Luiz Gonzaga a difusão pelo país dos ritmos da música nordestina e o lançamento do baião dividindo as glórias desse último feito com Humberto Teixeira, um advogado cearense. Entre os anos de 1948 e 1954 o baião impregnou a alma do brasileiro com a descoberta do ritmo pelos compositores e intérpretes dessa época ao longo do país. O baião substituiu os instrumentos tradicionais dos ritmos nordestinos - viola, pandeiro, botijão e rabeca pelo acordeão, triângulo e zabumba. “O baião é colocado como divisor de águas na história da música popular brasileira, que até então, oscilava entre o samba-canção e os ritmos importados”.

Seus três grandes parceiros foram Humberto Teixeira, Zédantas e Onildo Almeida.

Luiz Gonzaga foi detentor de muitos epítetos, como o pernambucano do século, o filho pródigo do Exu, o Rei do Baião, o gênio da musicalidade.

4.2 O exuense

Luiz Gonzaga foi o segundo filho de Januário e Santana que ao total constituíram uma prole de 9 (nove) crianças. Nascido no dia 13 de dezembro de 1912 na fazenda Caiçara - às margens do Riacho da Brígida - Luiz Gonzaga do Nascimento, veio ao mundo anunciado por uma estrela cadente.

Foi com seu pai que ele aprendeu a tocar e a venerar a sanfona. Ainda criança já se apresentava com o pai nos bailes da região. Predestinado, Luiz conseguiu cruzar o solo ingrato do Sertão pernambucano, vencendo as condições inóspitas daquele lugar, saindo do anonimato e levando sua música para conquistar o mundo.

A sua primeira sanfona marca “Veado”, ganhou do dono da fazenda Araripe onde a família morava, foram as filhas do fazendeiro que o ensinaram o “bê a bá” e a se comportar corretamente em bailes e festas.

A vontade de Luiz era ser artista, sanfoneiro, como o seu pai.

No ano de 1930 ele partiu, e sua vida mudou completamente.



4.3 A cidade do Exu

O município do Exu está localizado no Noroeste pernambucano, precisamente no Sertão do Araripe, distando 630 km do Recife. Tem por limites, ao norte o Estado do Ceará; ao sul: Granito; leste: Moreilândia e a oeste Bodocó.

Até as primeiras décadas do século XX, o município permaneceu isolado economicamente e culturalmente do Recife. A região que se localizava vivia um autarquismo econômico dos seus povoadores que vieram maciçamente da Bahia e do Sergipe. Desse autarquismo econômico surgiram laços culturais na região que talvez tenha forjado o traço que se dá ao sertanejo de forte. A origem do Exu urbano tem início no século XVIII, mas só em 1846 é que Exu foi elevado à condição de Vila.

A população de Exu é de 32.423 habitantes, distribuída em 11.519hab na área urbana e 20.904hab na área rural.

Pode-se constatar no exuense orgulho por sua história, e por filhos que cultivam suas raízes.

4.4 O legado do artista em Exu

Aza Branca

Luiz Gonzaga em Exu deixou amigos, fãs, parentes e também um patrimônio cultural inestimável. Após carreira consolidada retornou para a sua cidade para morar, onde também construiu o seu centro da memória da música nordestina - o Parque Aza Branca. O local possui cerca de 3,07 ha e equipamentos que servem aos mais variados programas, musicais, culturais, cívicos, e onde também se encontra a sua casa. Hoje a propriedade pertence à Elenilde Alencar, que deu a administração do parque o formato de uma ONG, a Aza Branca.

Os ambientes da sua origem nas propriedades da família Alencar

Conta a história que “ *eram os Alencar degredados portugueses que na primeira metade do século XVII vieram povoar desde a Bahia até o Maranhão*”. Já fixados em terras brasileiras foram estas famílias que construíram as primeiras fazendas de Exu. A Caiçara a mais antiga. Dessa família também Exu teve filhos ilustres, como Bárbara de Alencar, entre outros. Em torno dessa família em Exu, Luiz Gonzaga viveu do nascimento até os seus dezoito anos. As propriedades dessa família estão ligadas a história da cidade e guardam patrimônio edificado importante. A própria família zela



pelo patrimônio. Entretanto, no meio dessa descendência de família destacada na região também se deu a origem do “Rei”. Na Fazenda Caiçara ele nasceu em uma casinha que não existe mais e viveu dos onze aos dezoito em outra casa já na Fazenda Araripe. Esta casa de onde Luiz Gonzaga saiu quando deixou Exu fez parte do imaginário de suas músicas.

Conclusão

Considerando a importância da obra de Luiz Gonzaga, e os locais da sua cidade natal que fazem contraponto com ela, representando sua inspiração, seu universo; e compreendendo o valor daquele parque Aza Branca, construído por ele, para preservar a cultura nordestina e seu trabalho.

Diante do exposto, com base no exame técnico elaborado, somos de acordo com a indicação de tombamento dos seguintes bens imóveis e onde houver bens móveis integrados, considerados acervo museológico, que também sejam protegidos pelo instrumento de tombamento:

1. A casa antiga de Januário na Fazenda Araripe; e
2. O Parque Aza Branca

Recife, 28 de julho de 2009.

Neide Fernandes de Sousa
Arquiteta DPC/Fundarpe

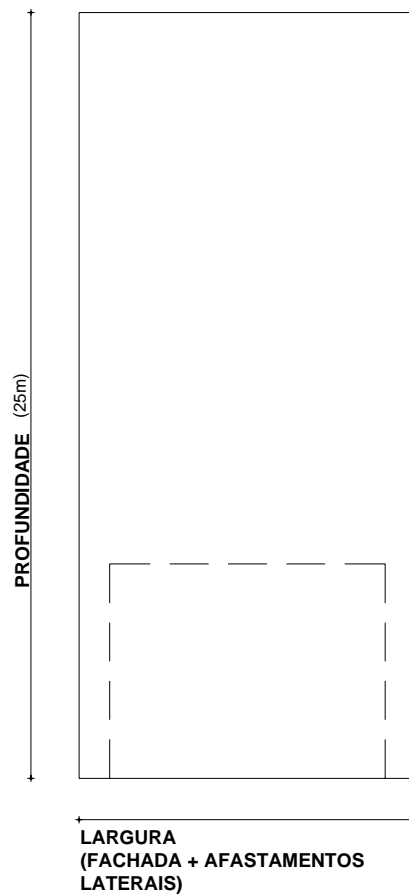
Daniella Felipe Esposito
Arquiteta - Bolsista PEP/Fundarpe

Maria de Lourdes Bezerra Cordeiro
Historiadora - Bolsista PEP/Fundarpe

ANEXO DO PARECER CONCLUSIVO

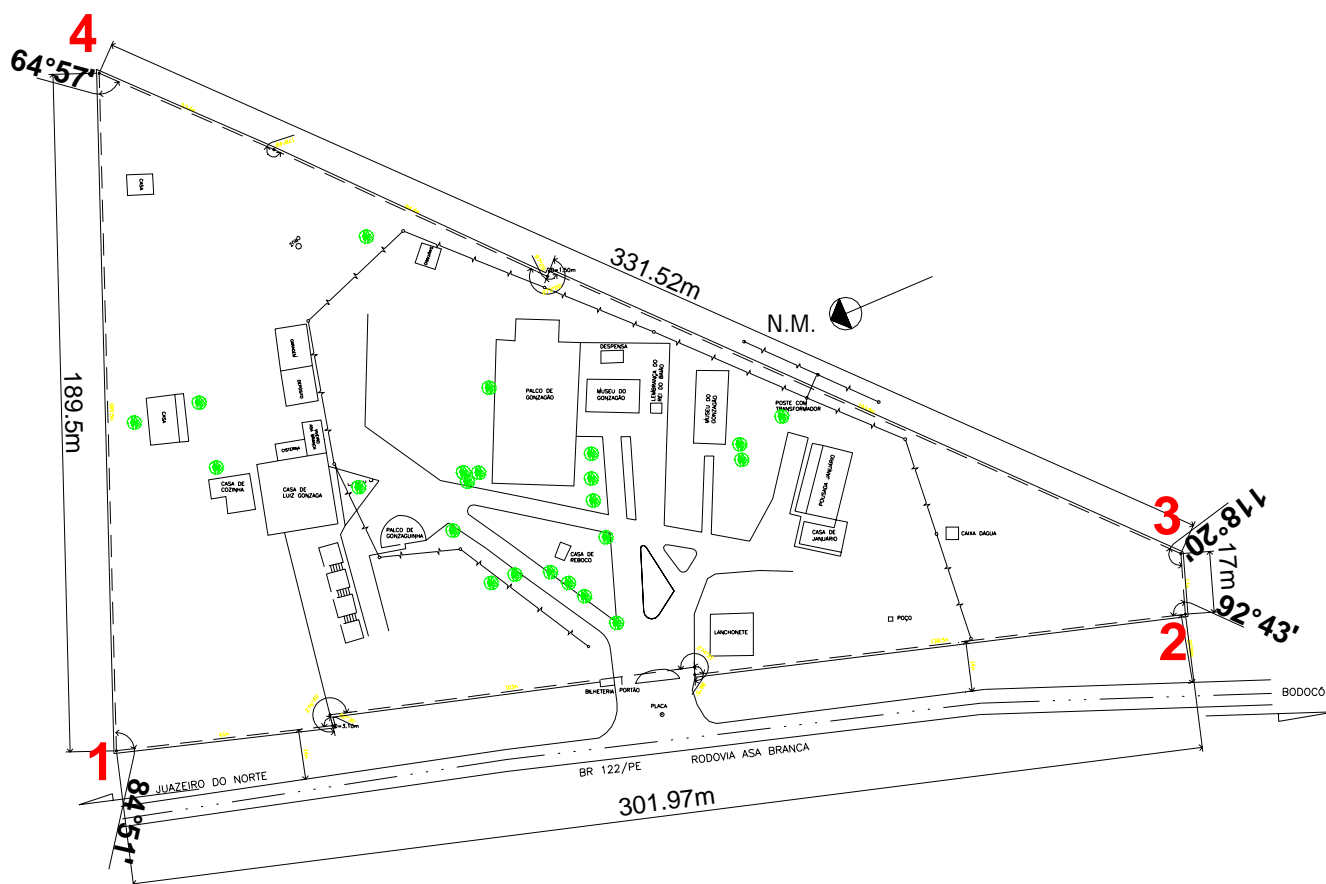
PERÍMETRO DE PROTEÇÃO: ANTIGA CASA DE JANUÁRIO, VILA DA FAZENDA ARARIPE

Polígono retangular formado pela medida da largura da fachada frontal do imóvel, somado aos afastamentos laterais, com profundidade de 25m, contendo a construção e seu quintal, e caracterizando a demarcação de um lote.



PERÍMETRO DE PROTEÇÃO: PARQUE AZA BRANCA

Polígono contido entre os muros de demarcação do parque: na margem da BR122 - Rodovia Aza Branca inicia no ponto número 1, seguindo a extensão de 301,97m (trezentos e um metros e noventa e sete centímetros), até o ponto número 2; deflete à esquerda $92^{\circ}43'$ (noventa e dois graus e quarenta e três minutos), seguindo 17m (dezesete metros) até o ponto de número 3; deflete à esquerda $118^{\circ}20'$ (cento e dezoito graus e vinte minutos), seguindo extensão de 331,52m (trezentos e trinta e um metros e cinquenta e dois centímetros), até o ponto de número 4; daí deflete, novamente, à esquerda $64^{\circ}57'$ (sessenta e quatro graus e cinquenta e sete minutos), seguindo 189,50m (cento e oitenta e nove metros e cinquenta centímetros), até fechar a área no ponto de número 1.





FICHA TÉCNICA

1 – Levantamento Topográfico do Parque

ONG Parque Aza Branca

2 – Levantamento Arquitetônico

Neide Fernandes de Sousa - Arquiteta DPC/Fundarpe

Lídio Souza - Bolsista de arquitetura do PEP

Roberto Carneiro - Restaurador

3 – Digitalização do Levantamento Arquitetônico

Daniella Felipe Esposito - Bolsista de arquitetura do PEP

Lídio Souza - Bolsista de arquitetura do PEP

4 – Levantamento Fotográfico

Maria de Lourdes Bezerra Cordeiro - Bolsista de história do PEP

Neide Fernandes de Sousa - Arquiteta DPC/Fundarpe

Lídio Souza - Bolsista de arquitetura do PEP

Roberto Carneiro - Restaurador

5 – Análise Física

Daniella Felipe Esposito - Bolsista de arquitetura do PEP

Neide Fernandes de Sousa - Arquiteta DPC/Fundarpe

6 – Histórico

Maria de Lourdes Bezerra Cordeiro - Bolsista de história do PEP

7 – Redação do Parecer Conclusivo

Neide Fernandes de Sousa - Arquiteta DPC/Fundarpe

8 – Organização Geral

Neide Fernandes de Sousa - Arquiteta DPC/Fundarpe

PEP - Programa de Especialização em Patrimônio



Referências Bibliográficas

ALENCAR, Maria Geraldo de. ...E o tempo não me fez esquecer. Organizadora Thereza Oldam Alencar. Recife: COMUNIGRAF, 2007.

ARLEGO, Edvaldo. Luiz Gonzaga – O pernambucano do século. Recife: Ed. Edificantes, 2004.

DREYFUS, Dominique. Vida do viajante: a saga de Luiz Gonzaga; prefácio de Gilberto Gil. São Paulo: Ed. 34, 1996. 352 p. (Coleção Ouvido Musical). 352p.

FERRETI, Mundicarmo Maria Rocha. Baião de dois: a música de Zédantas e Luiz Gonzaga no seu contexto de produção e sua atualização na década de 70. Prefácio de Flávio Chaves e Leonardo Dantas Silva. 2ª ed. Recife: CEPE, 2007. 285p.

História da Música Popular Brasileira. Luiz Gonzaga / Humberto Teixeira. Nº. 13. Edição Quinzenal. Ed. Abril Cultural: São Paulo, 1970. 12p.

LEITE, Ronildo Maia. Exu: 200 anos de guerra. Jaboatão dos Guararapes - PE. Criações Ed. & Arte, 1997. 122 p. il.

SÁ, Sinval. O Sanfoneiro do Riacho da Brígida; vida e andanças de Luiz Gonzaga - O Rei do Baião. Pref. De Leonardo Dantas Silva. 6 ed. rev. e aum. Recife: FUNDARPE. Diretoria de Assuntos Culturais, 1986. 314p. (Coleção Pernambucana – 2ª fase, 32).

Lista de Sites

www.condepefidem.pe.gov.br/programas/governo_municipios/mapas/producao/sorgozoneamento.pdf

www.barbaradealencar.org.br

www.reidobaiao.com.br

<http://escolas.educacao.pe.gov.br/layout.php?portal=6451&p=historia>

www.wikipedia.org.br

www.fundaj.org.br

www.luizluagonzaga.com.br